



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Kamilla Corrêa Loivos


**Paulo Freire: uma breve historiografia das versões para o inglês e o espanhol da *Pedagogia do Oprimido***

Rio de Janeiro

2016

Kamilla Corrêa Loivos

**Paulo Freire: uma breve historiografia das versões para o inglês e o espanhol da  
*Pedagogia do Oprimido***



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Alice Gonçalves Antunes

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

L835 Loivos, Kamilla Corrêa.  
Paulo Freire: uma breve historiografia das versões para o inglês e o espanhol da Pedagogia do oprimido / Kamilla Corrêa Loivos. – 2016.  
82 f.: il.

Orientadora: Maria Alice Gonçalves Antunes.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Freire, Paulo, 1921-1997. Pedagogia do oprimido – Teses. 2. Tradução e interpretação – Historiografia – Teses. 3. Tradução e interpretação – Estudo e ensino – Teses. 4. Editoração – Teses. 5. Freire, Paulo, 1921-1997 - Traduções para o inglês - Teses. 6. Freire, Paulo, 1921-1997 - Traduções para o espanhol - Teses. I. Antunes, M. Alice (Maria Alice), 1964- . II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.035(091)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Kamilla Corrêa Loivos

**Paulo Freire: uma breve historiografia das versões para o inglês e o espanhol da  
*Pedagogia do Oprimido***

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 31 de março de 2016.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Alice Gonçalves Antunes (Orientadora)  
Instituto de Letras – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marcia do Amaral Peixoto Martins  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Aparecida F. de Andrade Salgueiro  
Instituto de Letras – UERJ

Rio de Janeiro

2016

## DEDICATÓRIA

À minha mãe que acha que sou a melhor do mundo e mal sabe que sou apenas a filha da melhor do mundo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe que sempre me apoiou e me incentivou a estudar o que gosto e nunca desacreditou do meu potencial. Ela que dia após dia confiou no meu sucesso e nunca deu ouvidos às crises de desespero e tentativas de desistência porque sempre soube que eu era capaz. Sem seus esforços eu jamais teria chegado até aqui e jamais pensaria nos próximos passos.

Às minhas irmãs por terem me ensinado, devido às circunstâncias, a ser responsável desde cedo e por terem sido o motivo da minha constante luta e vontade de vencer para colher melhores frutos a cada dia.

Ao Daniel, com quem compartilho sonhos e objetivos, que foi um dos grandes motivadores da minha entrada neste curso e que sempre me deu as mãos para que eu chegasse ao final vitoriosa. O companheiro que sentou ao meu lado diversas vezes para ler textos que fogem ao seu mundo, apenas para me ajudar a continuar.

Ao professor Bruno Deusará que me incentivou e me ajudou a iniciar o Mestrado, confiando no meu potencial acadêmico e me orientando nos primeiros passos.

À minha orientadora, professora Maria Alice Antunes, que comprou minha ideia desde o início e fez do projeto inicial algo que eu jamais pensaria em realizar. Conseguiu transformar um projeto com mil ideias desconexas em uma pesquisa que englobasse tanto meus objetivos iniciais como teorias e práticas concretas, unindo editoração e tradução para o desenvolvimento de pesquisas com produções brasileiras.

Muitos professores me foram essenciais ao longo desses dois anos. Posso citar as professoras Cristina Junger, Tania Saliés, Tania Shepperd, Marcia Martins e os professores Claudio Cezar Henriques, André Conforte, Décio Rocha e Alcebíades Areas. Meu muito obrigada a todos vocês que, cada um dentro das suas possibilidades, me incentivaram e me transformaram nesse período.

Não posso deixar de agradecer aos meu colegas de turma, com quem ao longo desses dois anos compartilhei alegrias, vitórias, angústias e muitas risadas. Em especial, à Barbara Ramos, minha dupla em pesquisas e viagens para apresentações. Assim como agradeço a todos os meus amigos que compreenderam minha ausência durante esse período e à minha equipe de trabalho do IFHT/UERJ que me viabilizou realizar este curso desde o início e foi sempre muito parceira para que eu conseguisse concluí-lo.

Love and work... Work and love, that's all there is.

*Sigmund Freud*

## RESUMO

LOIVOS, Kamilla Corrêa. *Paulo Freire: uma breve historiografia das versões para o inglês e o espanhol da Pedagogia do Oprimido*. 2016. 82f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

O presente trabalho se insere no campo dos Estudos da Tradução de textos científicos. Tendo como foco principal um autor brasileiro — Paulo Freire —, investiga os paratextos das capas das versões da obra *Pedagogia do Oprimido* para o inglês e o espanhol com base na Teoria dos Polissistemas, nos Estudos Descritivos e engloba o estudo dos paratextos sempre em consonância com as teorias e práticas de editoração. Traz uma aplicação do modelo metodológico de Lambert e van Gorp (2011), mesclando-a com os conceitos de paratextos de Genette (2009) e com os conceitos de editoração de Araújo (2008). Propõe uma atualização da lista de versões da obra para os idiomas inglês e espanhol com o objetivo de enriquecer os estudos voltados para Paulo Freire e a *Pedagogia do Oprimido* e de investigar sua importância no campo da Educação fora do Brasil. Finalmente, a partir da investigação dos paratextos selecionados e encontrados, o presente trabalho culmina em reflexões sobre a (in)visibilidade do tradutor nas traduções de Paulo Freire, a atuação da patronagem e a importância da obra *Pedagogia do Oprimido* no polissistema de traduções científicas do campo da Educação.

Palavras-chave: Paulo Freire. Pedagogia do Oprimido. Historiografia da tradução.



## ABSTRACT

LOIVOS, Kamilla Corrêa. *Paulo Freire: a brief history of the versions for English and Spanish of Pedagogy of the Oppressed*. 2016. 82f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

The present work is part of the field of Translation Studies of scientific texts. It focuses mainly on a Brazilian author — Paulo Freire —, and investigates the paratexts of the English and Spanish translations of *Pedagogy of the Oppressed*, based on the Polysystem Theory and in Descriptive Translation Studies. It encompasses the study of paratexts, always in line with publishing theories and practice. It brings an application of the methodological model of Lambert and van Gorp (2011) combined with Genette's concepts of paratexts (2009) and Araújo's concepts of publishing (2008). It proposes an update on the list of translations of *Pedagogy of the Oppressed* into English and Spanish, with the aim of enriching studies on Paulo Freire and his work and of investigating its importance in the field of Education outside Brazil. Finally, from the investigation of the selected paratexts, the present work culminates in observations on the (in)visibility of the translator, the role of patronage and the importance of the work *Pedagogy of the Oppressed* in the polysystem of scientific translations in the field of Education.

Keywords: Paulo Freire. Pedagogy of the Oppressed. Translation history.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Diagrama do Sistema Cultural que engloba os Polissistemas de Produção Científica Estrangeiro e Brasileiro e sua relação com a obra de Paulo Freire .....	34
Figura 2 –	Capa Editora Penguin (data não identificada) .....	50
Figura 3 –	Capa Editora Penguin (1996) .....	50
Figura 4 –	Diagrama do Sistema Cultural que engloba os Polissistemas de Produção Científica Estrangeiro e Brasileira e as Obras de Paulo Freire extrapolando o Polissistema de Produção Científica e passando a fazer parte de outros Polissistemas, como o Polissistema de publicações de interesse geral .....	52
Figura 5 –	Capa da edição de 1986 pela Editora Continuum .....	53
Figura 6 –	Capa da edição de 1993, comemorativa aos vinte anos da obra, Editora Continuum .....	53
Figura 7 –	Capa da edição de 2000 pela Editora Bloomsbury (versão 1), comemorativa aos trinta anos da obra .....	54
Figura 8 –	Capa da Edição de 2000 pela Editora Bloomsbury (versão 2), comemorativa aos trinta anos da obra .....	54
Figura 9 –	Quarta capa da edição de 2000 pela Editora Bloomsbury .....	55
Figura 10 –	Página inicial do <i>site</i> comemorativo aos quarenta anos da publicação da obra <i>Pedagogy of the Oppressed</i> .....	57
Figura 11 –	Capa da versão em inglês da <i>Pedagogia do Oprimido</i> publicada pela Citizens International .....	59
Figura 12 –	Capa da edição publicada na Indonésia .....	60
Figura 13 –	Capa de edição em espanhol pela Editora Siglo XXI sem data identificada .....	63
Figura 14 –	Capa de edição em espanhol pela Editora Siglo XXI sem data identificada .....	63
Figura 15 –	Capa de edição em espanhol pela Editora Siglo XXI sem data	

	identificada .....	63
Figura 16 –	Capa da edição datada de 1975, apontada como edição de bolso .....	66
Figura 17 –	Capa da edição datada de 2000 .....	66
Figura 18 –	Capa das edições datadas de 2005 e 2007 .....	67
Figura 19 –	Quarta capa das edições datadas de 2005 e 2007.....	67
Figura 20 –	Capa da edição datada de 2012 .....	68
Figura 21 –	Imagem da tela de um <i>site</i> de venda de livros .....	68
Figura 22 –	Diagrama do Sistema Cultural que engloba os Polissistemas de Produção Científica Estrangeiro e Brasileira e as Obras de Paulo Freire extrapolando o Polissistema de Produção Científica e passando a fazer parte de outros Polissistemas, como o Polissistema de publicações de interesse geral e o Polissistema de publicações de políticas públicas .....	77

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Análise das perspectivas apontadas por Katharina Reiss a partir da função comunicativa dos textos. (AZENHA JUNIOR, 1999, p.43-45).....	30
Tabela 2 –	Reprodução da síntese de Katharina Reiss sobre tipologia textual feita por João Azenha Junior. (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 46).....	31
Tabela 3 –	Análise de características dos paratextos segundo Genette (2009).....	42
Tabela 4 –	Esquema sintetizado de Lambert e van Gorp para a descrição de tradução. (Lambert e van Gorp, 2011, p.211-212).....	44
Tabela 5 –	Lista das publicações em inglês da obra <i>Pedagogia do Oprimido</i> organizada quanto à data e à editora de 1970 a 2010.....	61
Tabela 6 –	Lista das publicações em espanhol da obra <i>Pedagogia do Oprimido</i> organizada quanto à data e à editora de 1970 a 2012.....	68

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SESI	Serviço Social da Indústria
MCP	Movimento Cultura Popular
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
IPF	Instituto Paulo Freire
Oscip	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PB	Polissistema brasileiro de produção científica
PE	Polissistema estrangeiro de produção científica
PBEdu	Polissistema de produção científica na Área da Educação
DTS	Estudos Descritivos da Tradução
a.C	Antes de Cristo

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1	<b>PAULO FREIRE E A <i>PEDAGOGIA DO OPRIMIDO</i></b> .....	18
1.1	<b>Sobre Paulo Freire</b> .....	18
1.2	<b>Método Paulo Freire</b> .....	21
1.3	<b>Pedagogia do Oprimido</b> .....	22
1.4	<b>Os porquês da escolha pela <i>Pedagogia do Oprimido</i></b> .....	24
2	<b>EM QUE SE FUNDAMENTOU A ANÁLISE: TEORIAS, CONCEITOS E METODOLOGIA</b> .....	26
2.1	<b>Sobre a tipologia textual.</b> .....	27
2.2	<b>André Lefevere: o poder do tradutor e a patronagem</b> .....	32
2.3	<b>Teoria dos Polissistemas: aplicabilidade e desdobramentos</b> .....	33
2.4	<b>Visão descritiva: relação da tradução com a situação comunicativa</b> .....	36
2.5	<b>Editoração e as escolhas de um editor</b> .....	38
2.6	<b>Paratextos e sua importância para a pesquisa</b> .....	41
2.7	<b>Como se realizou a análise: metodologia</b> .....	43
3	<b><i>PEDAGOGIA DO OPRIMIDO</i> E ALGUMAS DE SUAS VERSÕES PELO MUNDO</b> .....	47
3.1	<b>Capas das versões da <i>Pedagogia do Oprimido</i> em inglês</b> .....	49
3.2	<b>Capas das versões da <i>Pedagogia do Oprimido</i> em espanhol</b> .....	62
3.3	<b>Entendendo as escolhas do editor para as capas e quartas capas analisadas...</b>	70
3.4	<b>O tradutor é (in)visível nas versões em inglês e espanhol da <i>Pedagogia do Oprimido</i>?</b> .....	73
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	75
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	79

## INTRODUÇÃO

O processo tradutório não se inicia quando o tradutor começa a produzir a tradução e tampouco termina quando o tradutor escreve a última linha de seu trabalho; na verdade esse processo tem início quando um texto é selecionado para publicação em um país estrangeiro e se estende até o momento em que a obra é revisitada por leitores – profissionais ou não – e seu impacto é verificado no sistema-alvo. (ANTUNES, 2009, p.39)

O trecho acima destacado serviu de pontapé inicial para o presente trabalho. O intuito foi estudar partes do processo de tradução que envolve a seleção do texto a ser traduzido, a escolha do tradutor, a editora que demonstra interesse por essa obra e o motivo do interesse, a cultura-alvo e sua recepção à obra e o público-leitor dessas versões<sup>1</sup>. Não irei esgotar todos os pontos anteriormente levantados, porém será por meio da reflexão sobre eles que o presente trabalho se desdobrará.

Muito se estuda sobre publicações estrangeiras que são traduzidas para a língua portuguesa. Os autores estrangeiros e suas obras ocupam um espaço grande nas pesquisas aqui no Brasil sobre literatura, principalmente. Meu interesse foi olhar o outro lado: autores brasileiros que conseguem ser traduzidos para outros países e têm seu texto aceito e incorporado à nova cultura. Considero esse lado pouco pesquisado tanto na área editorial como nos Estudos da Tradução. Devido a essa observação, tive grande interesse em voltar minha pesquisa para o estudo de autores brasileiros e sua repercussão em outros idiomas e, conseqüentemente, outros países. Meu objetivo não é sanar essa possível lacuna, mas instigar outras futuras pesquisas com esse foco e ampliar nosso acervo no que se refere ao estudo de traduções de autores brasileiros e seu alcance em âmbito mundial.

O presente trabalho não trata apenas de tradução. Para chegar à tradução, muitas discussões e reflexões foram realizadas. O início de todo processo teve como interesse o mercado editorial brasileiro de textos científicos. Por formação sou editora e atuei no ramo editorial de textos científicos; publicações literárias nunca foram meu foco de trabalho e de estudo.

O mercado editorial do século XX exige muito de seus profissionais. Com a expansão da produção de livros, especialmente no Brasil, não basta publicar, mas sim publicar obras de qualidade e que ganhem a confiança do leitor. É nesse contexto que o editor passa a ter uma importância cada vez maior no processo editorial. O editor não é aquele que apenas se preocupa com a tipografia e o tipo de papel. É também aquele que cuida do texto, que

---

<sup>1</sup> No presente trabalho tradução e versão serão usados como sinônimos. Sabe-se da distinção entre ambos na língua portuguesa, porém por uma questão prática serão tratados como sinônimos.

conhece o mercado, que gera os orçamentos, que capta autores. Em suma, é aquele que está presente em todas as fases da produção e as conhece profundamente. Porém, na literatura geral sobre o tema, quando se fala em publicação, seu papel é focado no tratamento textual, devido à necessidade de uma especialização. No presente trabalho, irei me basear na seguinte definição de papel do editor: “supervisionar a publicação de originais em todo o seu fluxo pré-industrial (seleção, normalização) e industrial (projeto gráfico, composição, revisão, impressão e acabamento)” (ARAÚJO, 2008, p.54).

É importante salientar que texto, para o presente trabalho, é tudo aquilo que permite a construção da informação, ou seja, uma imagem contém texto. Ressalto isso porque as capas das publicações serão nosso objeto de análise e tudo isso é normalizado e coordenado pelo editor. As ilustrações e/ou imagens contidas nas capas podem propor, como mostrarei ao longo da análise (Capítulo 3), muitas informações importantes sobre a edição estudada. Como sabemos, uma imagem permite uma série de interpretações baseadas em conhecimento prévio do tema e nas capas dos livros elas possuem um papel fundamental e de suma importância para a obra como um todo. Segundo Ieda de Oliveira (2008, p.107),

de modo diferente do verbal, a imagem possui sua própria sintaxe e semântica, desdobra-se em planos de forma, conteúdo e expressão. Leitores de imagens, criamos, expandimos e estamos constantemente utilizando nossos repertórios de formas visuais, enriquecendo nosso acervo de imagens expressivas e simbólicas e nossos repertórios de experiências interpretativas.

Mantendo meu interesse pelo ramo editorial de textos brasileiros científicos e sua relação com a tradução, os recortes para definir um objeto de pesquisa foram feitos. Busquei um autor de textos científicos em área afim à minha área de estudo que possuísse publicação de versões de seus livros em outros países. A escolha foi por Paulo Freire e seu livro *Pedagogia do Oprimido*: autor da área da Educação com grande quantidade de traduções para diversas línguas.

Paulo Freire é considerado o Patrono da Educação Brasileira. Pernambucano de família de classe média, se formou na Faculdade de Direito (a única opção para área de Ciências Humanas na época<sup>2</sup>) e se tornou um dos pensadores mais notáveis da Pedagogia no mundo. Sua pedagogia nasce do envolvimento direto com camponeses e trabalhadores e é responsável pela alfabetização de muitos desses em um curto espaço de tempo. Ocupou cargos no governo, lecionou e ficou à frente da Educação no Brasil até o Golpe Militar de 1964. Durante o golpe, Paulo Freire exilou-se na Bolívia. Era um educador voltado para

---

<sup>2</sup> Na época, o curso de Direito fazia parte da área das Ciências Humanas e não das Ciências Sociais como atualmente.



alfabetização de adultos e defendia que a educação de adultos “teria de se fundamentar na consciência da realidade da cotidianidade vivida pelos alfabetizandos para jamais reduzir-se num simples conhecer de letras, palavras e frases” (GADOTTI, 1996, p.35). Para ele a educação era um ato político e também por isso foi considerado traidor à época da ditadura. Criou o Método Paulo Freire e tencionava alfabetizar cinco milhões de adultos, politizando-os. Alfabetizar adultos, à época, significava também criar eleitores. Para o governo anterior ao Golpe Militar isso era interessante, porém para os militares virou ameaça. Paulo Freire contribuiu muito para a área político-educacional em todo mundo porque alfabetizava politizando e conscientizando.

Foi no exílio que Paulo Freire escreveu a *Pedagogia do Oprimido* (manuscrito em língua portuguesa do Brasil datado de 1968<sup>3</sup>). Essa obra muito me interessou e foi escolhida como objeto de pesquisa por conta de todo o contexto histórico no qual foi criada e também pelo seu trajeto imediato para outros idiomas. Explicando melhor esse último apontamento, o livro não foi publicado em português de imediato. O manuscrito em português do Brasil foi primeiramente traduzido para o espanhol e para o inglês (1970). A edição em português é posterior a essas edições, publicada somente – pela primeira vez no Brasil – em 1974. O autor permaneceu exilado por algum tempo e viveu no Chile, nos Estados Unidos, na Suíça, retornando ao Brasil apenas em 1980.

Hoje há diversos projetos que resgatam toda vida e obra de Paulo Freire. Um dos mais completos é o Projeto Memória – Paulo Freire<sup>4</sup> que contém toda a biografia do autor, seus pensamentos e suas obras. A partir dessa fonte de pesquisa, pude identificar que o livro *Pedagogia do Oprimido*, além de ser um dos mais importantes da coletânea de Paulo Freire, é o que mais possui traduções, o que só reafirmou minha escolha para o presente trabalho.

Feita a escolha do autor a ser analisado, as teorias de tradução começaram a conversar com o objeto e a tecer o objetivo do presente trabalho. A partir da quantidade de versões, da quantidade de edições e reedições, dos aspectos gráficos e das informações contidas nas capas das versões de *Pedagogia do Oprimido*, pretendo entender que lugar essa obra ocupa no sistema de produção científica estrangeiro. As questões que instigam esta pesquisa são: Paulo

---

<sup>3</sup> O manuscrito da obra *Pedagogia do Oprimido* estava no Chile e foi doado ao Ministério da Cultura do Brasil em 20 de fevereiro de 2014 conforme reportagens do Boletim UniFreire (<http://boletim.unifreire.org/edicao03/2014/04/11/os-manuscritos-do-livro-pedagogia-do-oprimido-chegaram-ao-brasil/>) e do Blog Estadão (<http://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte//tesouro/>). O manuscrito está em poder da Biblioteca Nacional e disponível para *download* em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3629>

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/>

Freire alcançou um espaço no polissistema estrangeiro de produção científica?; a obra *Pedagogia do Oprimido* preenche uma lacuna nesse polissistema?; a partir desse autor e dessa obra, pode-se dizer que o polissistema brasileiro de produção científica ocupa uma posição central perante o estrangeiro?; o que as capas das versões analisadas apontam sobre o trabalho do editor e sua relação com o trabalho do tradutor?; o tradutor é visível nas versões em inglês e espanhol da *Pedagogia do Oprimido*?; quem atua como patrono dessas publicações e como?; qual é a importância da análise dos paratextos contidos nas capas das versões para os Estudos da Tradução e da Editoração?; quem é o editor e no que suas tarefas e funções interferem na visibilidade do tradutor?; Paulo Freire permanece em um único polissistema ou consegue inovar e extrapolar o polissistema de produção científica?.

O presente trabalho será dividido em três capítulos. No Capítulo 1 apresentarei Paulo Freire e a obra *Pedagogia do Oprimido*. Trata-se de um capítulo importante para situar a pesquisa apresentando Paulo Freire em contexto histórico-social da época, o Método Paulo Freire e a obra *Pedagogia do Oprimido*. Será o momento de retratar a importância da obra e os porquês dessa escolha.

No Capítulo 2, serão apresentadas as teorias, os conceitos e a metodologia utilizados na pesquisa. Para dizer o que é tradução, conversarei com os conceitos de tradução e reescritura de André Lefevere (2007), o que me levará a destacar com que material estarei trabalhando e a definir o que é para o presente trabalho um texto científico, conceito que desdobrarei com base em Fiorin & Savioli (2007), Diva Camargo (2012) e João Azenha Junior (1999). Definidos os termos tradução e texto científico poderei adentrar ao debate sobre tradução e seus profissionais. Com isso trarei à pesquisa novamente Lefevere (2007), porém com o auxílio de Marcia do Amaral Peixoto Martins (2010) para tecer comentários sobre a patronagem. Finalmente poderei comentar sobre a aplicabilidade e os desdobramentos da Teoria dos Polissistemas de Itamar Even-Zohar (1990) e a visão descritiva de Gideon Toury (1995) para dar suporte à aplicação do modelo metodológico de José Lambert e Hendrik van Gorp (2011) que será apresentada. Tal metodologia apenas se fará válida após a discussão sobre o conceito de editoração trazido por Araújo (2008) e a importância dos paratextos para a pesquisa baseada em Teresa Carneiro (2014) e Gérard Genette (2009).

No Capítulo 3, a *Pedagogia do Oprimido* e algumas de suas traduções pelo mundo serão apresentadas. Destacarei as publicações em inglês e espanhol trazendo capas e analisando os elementos paratextuais nelas contidos. Essa escolha se dá devido à maior quantidade de edições e reimpressões nesses idiomas. Os aspectos analisados serão todos os

contidos nas capas e quartas capas das edições encontradas. Informações como nome do autor, nome do tradutor, imagens, textos, número da edição, nome do prefaciador, editora e qualquer outro elemento encontrado nas capas serão objeto de análise. Isso me levará a uma discussão sobre os porquês das escolhas de cada elemento e me mostrará em que lugar o tradutor é colocado nessas traduções. Lawrence Venuti (2002) e seu debate sobre a (in)visibilidade do tradutor me ajudarão a discorrer sobre a importância do tradutor nesse material e o motivo desta.

Finalmente, trago minhas conclusões e apresento que próximos passos o presente trabalho pode proporcionar a mim e aos demais pesquisadores da área.

## 1 PAULO FREIRE E A *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*

### 1.1 Sobre Paulo Freire<sup>5</sup>

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, em Recife, e era o caçula de quatro irmãos. Foi alfabetizado em casa por seus pais e aos seis anos, quando entrou para a escola, já sabia ler e escrever. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife aos 22 anos, escolha justificada por na época não haver faculdade de formação de educadores, e Direito ser a única opção na área de ciências humanas.

Tornou-se professor de língua portuguesa no Colégio Oswaldo Cruz, onde cursou o ginásio. A partir de então ocupou diversos cargos no setor de Educação e Cultura, tais como: diretor de Educação e Cultura do SESI, no governo Vargas de 1947 a 1954, superintendente do SESI de 1954 a 1957, membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife em 1956, diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife em 1961.

Iniciou sua carreira de professor universitário lecionando Filosofia da Educação na Escola de Serviço Social em Recife, que posteriormente foi incorporada à Universidade do Recife. Como relator da Comissão Regional de Pernambuco e autor do relatório *A Educação de Adultos e as Populações Marginais: O Problema dos Mocambos*, Paulo Freire se firmou como educador progressista. Obteve o título de doutor em Filosofia e História da Educação em 1959 com a tese *Educação e atualidade brasileira*. Com isso, em 1960, tornou-se professor efetivo da Universidade do Recife. Foi também um dos Conselheiros Pioneiros do Conselho de Educação de Pernambuco, título atribuído pelo, na época, governador Miguel Arraes a quinze “pessoas de notório saber e experiência em matéria de educação e cultura” (GADOTTI, 1996, p.35). Foi destituído do conselho à época do Golpe Militar.

Paulo falava em educação social, falava na necessidade de o aluno, além de se conhecer, conhecer também os problemas sociais que o afligiam. Ele não via a educação simplesmente como meio para dominar os padrões acadêmicos de escolarização ou para profissionalizar-se. Falava da necessidade de se estimular o povo a participar do seu processo de emersão na vida pública engajando-se no todo social. (ibid., p.36)

---

<sup>5</sup> As informações sobre a vida do autor foram retiradas do livro do Gadotti (1996) e dos *sites* dos projetos voltados para Paulo Freire.

Paulo Freire voltou-se para a educação de adultos e firmou-se como educador progressista pensando sempre a educação como ato político. É importante ressaltar que ele extrapolou a área acadêmica e se engajou nos movimentos de educação popular. Um fato que marcou sua trajetória profissional e política foi sua participação na fundação do Movimento Cultura Popular (MCP) do Recife, nos anos 1960. Tratava-se de um grupo de intelectuais que trabalhava junto com o povo para, por meio da valorização da cultura popular, contribuir para a participação da massa na sociedade.

Seu grande reconhecimento como educador voltado para o povo se deu quando da organização e direção da campanha de alfabetização de Angicos, no Rio Grande do Norte. A partir daí ele foi para Brasília, a convite do então Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos (no governo do Presidente João Goulart) para realizar uma campanha nacional de alfabetização. Paulo Freire tencionava alfabetizar cinco milhões de adultos e torná-los eleitores. Esse processo de alfabetização foi feito pelo “Método Paulo Freire” (que veremos a seguir na seção 1.2) que alfabetizava politizando. O convite feito pelo Ministro da Educação tinha o objetivo de aumentar o eleitorado. Porém, teve o efeito de conscientizar muitas pessoas, mostrando a elas, além do mundo das letras, as injustiças que as oprimiam e a necessidade da luta por mudanças. Isso ameaçou a classe dominante, como já era de se esperar. O Programa Nacional de Alfabetização foi oficializado em 21 de janeiro de 1964 e extinto, pelo governo militar, em 14 de abril de 1964, com as classes dominantes voltadas contra Paulo Freire e seu método.

Com o golpe militar, Paulo Freire foi convocado a responder inquérito policial-militar no Rio de Janeiro por duas vezes e acabou asilando-se na Bolívia ainda em 1964, aos 43 anos. Pouco tempo depois, um golpe de Estado na Bolívia o levou ao Chile onde iniciou uma nova fase de sua vida. Trabalhou lá como assessor do Ministério da Educação e como consultor da UNESCO, lecionou nos Estados Unidos e atuou no Conselho Mundial das Igrejas. Morou no Chile de novembro de 1964 até abril de 1969. Passou por outros países após esse ano e somente em 1979 retornou ao Brasil, chegando a São Paulo para ser professor da PUC-SP. Foi “reaprendendo o Brasil”, como ele costumava dizer. Foi professor da UNICAMP de 1980 até o final de 1990.

Foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores e, com a eleição em 1989 de Luiza Erundina de Souza como Prefeita de São Paulo, Paulo Freire foi empossado como Secretário de Educação do Município. Em todos os cargos ocupados, sempre atuou “mudando a cara da escola” (como dizia), voltando-se para a educação das massas e, para permitir às

escolas pleno exercício das atividades pedagógicas, fazia “do ato de educar um ato de conhecimento, elaborado em cooperação a partir das necessidades socialmente sentidas” (GADOTTI, 1996, p.47).

Faleceu em 2 de maio de 1997. Além de toda essa trajetória contada, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz no ano de 1993, é cidadão honorário de várias cidades do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, São Bernardo do Campo, Campinas, Belo Horizonte, Itabuna, Porto Alegre, Angicos e Uberaba), recebeu em 1993 o Prêmio instituído pelo *International Consortium for Experimental Learning*, em Washington, DC, que contempla ano a ano um renomado educador por suas contribuições teóricas e práticas ao ato de aprender-ensinar. São inúmeros os títulos e homenagens dedicados a ele, de Doutor Honoris Causa a Professor Emérito, Paulo Freire, sem dúvidas, possui um extenso currículo de conquistas. A mais recente se deu postumamente em 13 de abril de 2012, sob a Lei nº 12.612<sup>6</sup> que decretou Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira.

Vários projetos, centros e instituições também foram criados com seu nome e em favor da sua causa. A primeira é o Instituto Paulo Freire (IPF)<sup>7</sup> que foi criado por ideia do próprio em 1991. O objetivo era reunir pessoas e instituições voltadas para uma educação humanizadora e transformadora com a missão de educar para transformar. Em 2009, foi concedido pelo Ministério da Justiça do Brasil o título de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) ao IPF, possibilitando-o trabalhar com programas e projetos sociais, culturais, ambientais e educacionais, estabelecendo parcerias com diferentes instituições governamentais. O projeto tem hoje representantes em mais de noventa países espalhados pelo mundo.

Outro projeto que chama atenção e será base de dados para o presente trabalho é o Projeto Memória – Paulo Freire<sup>8</sup>. O Projeto Memória é uma iniciativa do Banco do Brasil em parceria com a Petrobras, criado em 1997. No ano 2005 (em sua nona edição), o Projeto Memórias, com a parceria do IPF, homenageou Paulo Freire. O projeto traz a vida e a obra do educador e uma série de relatos de companheiros de Paulo Freire, além de informações sobre sua trajetória. A partir do Projeto Memória – Paulo Freire foi publicado um livro

---

<sup>6</sup> Lei nº 12.612 de 13 de abril de 2012, disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10562-16-04-12-link-leipaulofreire&category\\_slug=abril-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10562-16-04-12-link-leipaulofreire&category_slug=abril-2012-pdf&Itemid=30192)

<sup>7</sup> Site do Instituto Paulo Freire: <http://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>

<sup>8</sup> Site do Projeto Memória – Paulo Freire: <http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/index.jsp>

fotobiográfico<sup>9</sup> relatando a vida e obra de Paulo Freire com conteúdo rico de informações. Foi a partir desse projeto que consegui reunir a maioria das capas das versões para o inglês e o espanhol da *Pedagogia do Oprimido* e as informações sobre as publicações dessas versões.

Toda a repercussão de Paulo Freire pelo mundo é advinda do sucesso do já mencionado “Método Paulo Freire”. Faz-se necessário, então, tecer comentários sobre este.

## 1.2 Método Paulo Freire

O “convite” de Freire ao alfabetizando adulto é, inicialmente, para que ele se veja enquanto homem ou mulher vivendo e produzindo em determinada sociedade. Convida o analfabeto a sair da apatia e do conformismo de “demitido da vida” em que quase sempre se encontra e desafia-o a compreender que ele próprio é também um fazedor de cultura, fazendo-o apreender o conceito antropológico de cultura. O “ser-menos” das camadas populares é trabalhado para não ser entendido como desígnio divino ou sina, mas como determinação do contexto econômico-político-ideológico da sociedade em que vivem. (GADOTTI, 1996, p.37)

O Método Paulo Freire é muito utilizado ainda hoje na alfabetização, com algumas adaptações talvez. Farei aqui apenas um breve resumo do Método, pois o presente trabalho não tem por objetivo discuti-lo. A citação deste se torna importante para que possamos compreender o feito deste educador com relação à alfabetização no Brasil e o porquê de seu método ter sido espalhado pelo mundo.

Freire chamava suas aulas de círculo de cultura e sempre estava voltado para o diálogo. Por isso muitos professores hoje em dia preferem organizar suas turmas em círculos e não apreciam a organização da sala de aula convencional, com fileiras de cadeiras, umas atrás das outras. A intenção de Paulo Freire era abrir um diálogo sobre as experiências de cada adulto ali presente e a partir disso selecionar palavras para decodificar em sua forma escrita, trabalhar as sílabas, o conjunto das famílias fonêmicas da palavra escolhida, para então permitir ao aluno juntar os pedaços e formar novas palavras.

O objetivo era partir da realidade do aluno e fazê-lo se apropriar do código linguístico partindo dos conhecimentos que já possuíam. Era isso que garantia a eficácia e a validade do método. Paulo Freire buscava com isso propiciar aos alunos uma visão de totalidade da linguagem e do mundo.

---

<sup>9</sup> Disponível em: [http://www.projeto memoria.art.br/PauloFreire/pecas\\_culturais/02\\_pc\\_livro\\_fotobiografico.html](http://www.projeto memoria.art.br/PauloFreire/pecas_culturais/02_pc_livro_fotobiografico.html)

A propaganda que faziam do Método Paulo Freire é que ele era capaz de alfabetizar em quarenta horas. Foi com ele que Paulo Freire ganhou espaço e abertura com políticos e educadores, pois o analfabetismo era um problema crônico no Brasil e conseguir reduzi-lo em larga escala era o sonho de todo gestor. Esse seria um grande feito, e o foi.

Tão importante quanto o Método Paulo Freire, foi e é a obra *Pedagogia do Oprimido*, escrita entre 1967 e 1968, no Chile, durante o exílio.

### 1.3 Pedagogia do Oprimido

É fundamental apresentar a obra *Pedagogia do Oprimido* para o desenrolar da presente pesquisa. Conforme mencionado na seção anterior (1.2), ela foi escrita entre os anos de 1967 e 1968 durante o exílio de Paulo Freire no Chile. É um ensaio elaborado artesanalmente a partir de fichas, bilhetes e anotações realizados durante os quatro anos de trabalho no Chile (Zitkoski, 2010, p.73).

O manuscrito, feito em português do Brasil, foi prefaciado pelo professor Ernani Maria Fiori<sup>10</sup> a convite do autor. É importante salientar que Fiori teve trajetória semelhante a de Paulo Freire e que os dois foram parceiros de trabalhos voltados para a Educação Popular.

Fiori foi conhecido em toda América Latina através de seminários e palestras. Em 1963 aderiu à Ação Popular (AP) e durante a ditadura militar de 1964 exilou-se no Chile e no Peru. Nesse período, foi acusado de práticas subversivas contra a ideologia do governo.

Em seu trabalho de conscientização e de educação popular, destaca-se por ser contemporâneo aos estudos de Paulo Freire. Aliás, é importante ressaltar que **Fiori e Freire se conheceram no início da década de 60**. Desde então selaram uma grande amizade que perdurou durante muitos anos. **Em 1967, no auge da censura e da repressão militar, enquanto ambos permaneciam exilados no Chile, o filósofo gaúcho colaborou com Freire em seus trabalhos relacionados à Educação Popular. A pedido de Freire escreveu o prefácio do livro “Pedagogia do Oprimido”.** (DUARTE; DE ABREU BERNARDES, 2011, p.1-2, meu grifo)

O prefácio de Fiori faz um retrato completo da obra e do autor. “Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência” (FREIRE, 1987, p.5), diz o filósofo. O título do prefácio já traz o resumo do objetivo primordial da *Pedagogia do Oprimido*: aprender a dizer a sua palavra.

A obra é dividida em quatro partes: justificativa da pedagogia do oprimido, a concepção bancária da educação como instrumento da opressão, a dialogicidade – essência da

---

<sup>10</sup> Filósofo brasileiro da década de 1950, anterior a Paulo Freire, engajado nas causas da Educação Popular.



educação como prática da liberdade e a teoria da ação antidialógica. Não é o objetivo do presente trabalho debater todos os conceitos e intenções da obra. É porém importante para ele apresentar o objetivo central da *Pedagogia do Oprimido* e como esse objetivo é desenvolvido por Paulo Freire ao longo das páginas. Essa contextualização é essencial para que possamos entender o que significou essa obra no contexto histórico-cultural de sua época.

O fundamental é entender que não se trata de uma pedagogia para o oprimido, mas sim uma pedagogia dele, que parta dele. É uma pedagogia que promoverá a libertação do povo porque lhes permitirá construir sua consciência humana. Ao longo do texto, Paulo Freire coloca que “a verdade do opressor reside na consciência do oprimido” (1987, p.4) e que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (p.27). Ele conscientiza o leitor de que apenas com um diálogo crítico e libertador é possível a conscientização por parte dos oprimidos das suas condições concretas e com isso pode-se gerar uma ação de resistência à opressão.

Nesse livro Paulo Freire apresenta o Método Paulo Freire, apresentado neste trabalho na seção 1.2, e resultados obtidos com sua aplicação. Durante a leitura é fácil perceber que esse método de alfabetização se tornou um método de conscientização do povo. Para Freire, alfabetizar é conscientizar.

Vale lembrar que, em 1968, Freire estava exilado no Chile e o Brasil passava por um período de ditadura militar. O manuscrito, apesar de elaborado em língua portuguesa do Brasil, só foi publicado no Brasil em 1974. Freire, quando exilado, acabara de iniciar a aplicação de seu método de alfabetização no Brasil e o teve interrompido e proibido pela ditadura. Ao longo da análise da presente pesquisa (Capítulo 3), veremos que antes do ano 1974 há várias publicações da obra em inglês e espanhol, sendo a primeira em 1970. Em 1969, Paulo Freire recebeu um convite para lecionar na Universidade de Harvard e para fazer parte do Conselho Mundial das Igrejas e se mudou do Chile para Cambridge (GADOTTI, 1996, p.40).

(...) Pedagogia do Oprimido, publicada pela primeira vez em espanhol e inglês, chegando ao Brasil somente quatro anos mais tarde em função da Ditadura Militar e da censura no país. Neste e nas outras obras que se seguiram, ele defende um sistema de educação que enfatiza o aprendizado como uma ação de cultura e liberdade, sendo um processo interativo entre professor-aluno e aluno-professor, pois ambos aprendem, não só o aluno. (DE CASTRO VALOURA, 2010, p.1)

Freire foi expulso do Brasil quando iniciou uma atividade de alfabetização das massas. Expulso pelo regime militar, vai para o exterior onde consegue colocar em prática seu método, chegando a assumir cargos de importância política e acadêmica. Só em 1979 que ele

recebe permissão para retornar ao Brasil e quando retorna, em 1980, é como professor convidado da PUC-SP. O livro que tornou o educador conhecido mundialmente foi publicado primeiro em espanhol e inglês e só quatro anos depois recebeu permissão do regime militar para ser publicado em português (Zitkoski, 2010, p.74). É possível inferir que tanto o mercado editorial como a academia estrangeiros foram responsáveis por sua publicação no Brasil, devido à grande repercussão de seu trabalho e ao grande valor atribuído a ele no exterior.

Outro fato relevante sobre a *Pedagogia do Oprimido* foi descoberto apenas quando da chegada do manuscrito ao Brasil. Em entrevista à BBC<sup>11</sup>, o historiador e doutor em Educação e amigo pessoal de Paulo Freire, José Eustáquio Romão, conta que:

A parte do livro em que Paulo Freire fala sobre a "teoria da ação revolucionária" não existe em nenhuma edição em nenhuma parte do mundo. **O que nos faz supor que os (editores) americanos tiraram diversas partes** – eu já fiz uma leitura comparada e comprovei que não estão lá. **Eles tiraram coisas que acharam um pouco mais perigosas para a ideologia liberal norte-americana.** Não fazem por mal, mas por princípio ideológico. É uma teoria de esquerda mesmo, diz que o sujeito da história não são as lideranças, é o coletivo das massas oprimidas. (grifo meu)

No Brasil, a obra foi completamente censurada até o ano de 1974, enquanto nos Estados Unidos ela foi publicada logo após sua finalização, em 1970, mas também teve partes censuradas, o que era desconhecido pela academia e pelos leitores de Paulo Freire na língua inglesa. E em espanhol? Será que houve censura? Isso não foi documentado até o momento da finalização da presente pesquisa. Esse fato nos leva a debater muitos pontos sobre tradução e censura, mas não é esse o objetivo do presente trabalho. Essa informação foi trazida apenas para enfatizar a polêmica da obra e sua importância para a educação.

#### 1.4 Os porquês da escolha pela *Pedagogia do Oprimido*

“*Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, é o único livro brasileiro a aparecer na lista dos cem títulos mais pedidos pelas universidades de língua inglesa consideradas pelo projeto Open Syllabus” (G1, 17 de fevereiro de 2016).<sup>12</sup> O ano de 2016 começou com essa notícia, o que só me reafirmou que havia feito a escolha certa para o presente trabalho. Uma

<sup>11</sup> Entrevista completa disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719\\_entrevista\\_romao\\_paulofreire\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulofreire_cc)

<sup>12</sup> Reportagem completa disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/02/so-um-livro-brasileiro-entra-no-top-100-de-universidades-de-lingua-inglesa.html>

pesquisa realizada em mais de um milhão de programas de estudos de universidades dos Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia identificou que a obra de Paulo Freire é uma das solicitadas nas suas ementas, com 1.021 citações nos programas.

Após mais de quarenta anos, *Pedagogia do Oprimido* continua sendo obra de referência em diversos países quando o assunto é educação. É considerada a obra mais completa e importante de Paulo Freire e referência para o entendimento da prática de uma pedagogia libertadora e progressista. Constam nela os temas que sustentam a concepção freireana: conscientização, revolução, diálogo, cooperação, entre outros.

Acredito que o relatado acima justifique a escolha de Paulo Freire e da *Pedagogia do Oprimido* como material de estudo para o presente trabalho. Mas não é demais salientar o fato de que Paulo Freire foi o educador brasileiro que rompeu as barreiras geográficas e disseminou seu pensamento e sua prática mundo afora. Como dito na Introdução deste trabalho, muito se estuda no Brasil sobre os teóricos e pensadores estrangeiros porque somos um país muito influenciado pela cultura estrangeira. Mas será que não influenciaremos outros povos?

Paulo Freire e o percurso da *Pedagogia do Oprimido* trazem respostas a esse questionamento. Através do estudo da repercussão de sua obra e seus pensamentos, é possível constatar que o Brasil também dissemina conhecimento e também modifica culturas. Por isso o interesse e a escolha desse autor e desta obra. Um livro publicado primeiramente em versões para o inglês e o espanhol, antes de ser publicado no seu idioma-fonte, traduzido para mais de 17 idiomas e utilizado por Universidades e escolas em todo mundo há de merecer um espaço nos Estudos da Tradução.

## 2 EM QUE SE FUNDAMENTOU A ANÁLISE: TEORIAS, CONCEITOS E METODOLOGIA

A Tradução é, certamente, uma reescritura de um texto original. Toda reescritura, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada. Reescritura é manipulação, realizada a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar no desenvolvimento de uma literatura e de uma sociedade. (LEFEVERE, 2007, p.11)

Antes de iniciar qualquer estudo sobre tradução é necessário definir o que é tradução. Por isso, escolhi trazer os conceitos de André Lefevere de tradução e reescritura. Considero uma discussão imprescindível para iniciar minha análise.

Há uma relação incontestável entre tradução e reescritura. A tradução é uma forma de reescritura e, talvez, a mais identificável como tal. Por meio de traduções, criam-se imagens de autores, obras e de teorias, pois não temos contato com o texto do autor original se não sabemos a língua em que foi escrito, mas sim com uma reescritura. Sabemos que toda tradução exerce certa manipulação sobre a obra original e também sobre uma sociedade, uma literatura (Lefevere, 2007, p.18-19). Ela é um dos tipos de reescritura que permite que um autor tenha seu nome e seu texto conhecidos no mundo inteiro, entre diversas culturas. O caso de Paulo Freire retrata muito bem isso. Ele teve suas teorias e discussões levadas ao mundo inteiro também por meio de traduções. Leitores de vários países têm acesso às suas obras e criam sua imagem através de traduções. E mais adiante veremos que essas versões deram ao autor Paulo Freire um grande *status* porque é o nome dele que circula e é vendido e não o nome dos tradutores.

Muitos leitores têm acesso às literaturas e a textos científicos e/ou técnicos (esses últimos nos interessam mais para o presente trabalho) por meio de suas versões e/ou traduções apenas. Eles não conhecem o original e alguns não terão contato com aquele. É do tradutor a responsabilidade de fazer o conteúdo chegar ao público-alvo da melhor maneira possível de forma que ele seja aceito e lido por um determinado público. Esse é o caso desta pesquisa, pois iremos analisar as versões da obra *Pedagogia do Oprimido* pelo mundo. Não irei me ater aos atos tradutológicos, mas questões como o leitor não ter contato com o texto original são muito importantes para o desenrolar da análise. É preciso ter essa consciência antes de começar a estudar qualquer tópico que envolva tradução.

Essas questões são fundamentais para o profissional de tradução entender o seu papel e a sua importância no processo de reescritura. O que a tradução significa e o que possibilita. Lefevere garante que a “reescritura manipula e é eficiente” (2007, p.24) e alerta sobre a importância de não menosprezar os estudos das reescrituras. Para atingir seu objetivo e ser eficiente, Lefevere resume a posição que o profissional ou pesquisador da tradução deve tomar diante do trabalho de reescritura: “Os envolvidos nesse estudo terão de se perguntar quem escreve, por que, sob que circunstâncias e para que público” (p.21). Esse direcionamento não é útil apenas para os pesquisadores da tradução. Todos os profissionais envolvidos no processo precisam se fazer esse questionamento; por exemplo, os tradutores e o editor (que são nosso foco no presente trabalho). O editor se preocupa com essas questões e as utiliza como ponto de partida e como ferramentas de análise para a produção de uma obra traduzida. Essas questões englobam não apenas o texto, como também escolha de projeto gráfico, de modelo de capa e de disposição de nomes dos profissionais envolvidos na obra.

Para iniciar esse questionamento, primeiro é preciso saber com que tipo de material se está trabalhando. Por isso, precisamos entender com que tipo de texto a presente pesquisa irá trabalhar.

## 2.1 Sobre a tipologia textual

Apontei, na Introdução, que objetivei ter como *corpus* um determinado texto que chamei de científico.

Não é apenas do tradutor a preocupação com o tipo de texto que se está trabalhando. Essa pergunta deve ser feita por qualquer profissional que deseje trabalhar com tradução, pois muitas falhas em análises são decorrentes da não preocupação com o tipo de texto em questão, por exemplo: traduzir termos técnicos para o idioma-alvo quando o termo é utilizado no idioma-fonte em qualquer país, traduzir nomes de cidades ou trocar o nome da cidade por alguma cidade pertencente à cultura-alvo e que seja parecida com a cidade da cultura-fonte e não atualizar os demais dados e informações ao longo do texto, entre outros.

Busquei em gramáticas e demais livros de Linguística o que poderia ser um texto científico e não encontrei o suficiente para trazer para o presente trabalho uma definição fechada.

A gramática nos traz as definições de texto literário e não literário. Conforme apontam Fiorin & Savioli (2007, p.350), “a diferença reside no fato de que o texto literário tem uma *função estética* e de que o texto não literário tem uma *função utilitária* (informar, convencer, explicar, documentar, etc.)”. A partir desse ponto, identifico que o texto utilizado no presente trabalho faz parte dos textos não literários. Ainda me atendo às definições que a gramática nos traz, encontro tipologia textual e três categorias básicas: narração, descrição e dissertação. Nenhuma delas me satisfaz. Continuando a pesquisa, aparecem os textos jornalísticos, como uma quarta categoria. Esses últimos parecem não se enquadrar em nenhum dos anteriores e por vezes podem ser considerados literários ou não.

Concluo que *Pedagogia do Oprimido* é um texto não literário. Para maiores definições, recorro aos estudos da tradução e suas especialidades no objetivo de encontrar neles estudos sobre tipologia textual voltados para a tradução e que melhor definam em que categoria posso enquadrar o texto que será estudado. Encontro então, através de Diva Cardoso Camargo (2012, p.15), outras terminologias para o que preciso: tradução literária e tradução especializada. O conceito de literário está de acordo com o que a Linguística já nos apresentou e pode ser descartado para o material em estudo. Atenho-me ao conceito de tradução especializada e me deparo com três denominações ditas genéricas: “texto especializado” (BERMAN, 1971), “texto técnico” (NEWMARK 1981, 1982) ou “texto pragmático” (AUBERT, 1998). Camargo complementa que:

Esse vasto campo da tradução pode ser subdividido em vários subgrupos específicos, dentre eles: **textos científicos de diversos domínios das Ciências Exatas, Biológicas e Humanas**; textos descritivos e instrucionais, de conteúdo tecnológico (“técnicos” no sentido estrito do termo); textos corporativos; textos jurídicos; textos jornalísticos; textos promocionais (publicidade, propaganda, anúncios); textos referentes a balanços patrimoniais e demonstrativos financeiros; textos que abordam temas outros, como meio ambiente, comportamento social etc.” (2012, p.16, meu grifo)

Não tendo me bastado essa introdução ao tema feita por Camargo (2012), recorri à explanação de João Azenha Junior (1999). Na busca de evidenciar a importância de aspectos culturais na tradução de textos técnicos, Azenha Junior traz uma série de reflexões e teorias que muito me foram úteis. Para ele, de acordo com sua experiência de trabalho, os textos técnicos “são formas híbridas expostas à ação de um número elevadíssimo de variáveis e a terminologia, longe de ser estática, é dinâmica e admite uma margem de subjetividade no tratamento de seu objeto” (1999, p.11). Ou seja, aquele pensamento de que traduzir textos técnicos significa apenas transpor de uma língua para outra como um dicionário não se enquadra na realidade. Esses textos também podem ser subjetivos e seus termos variáveis. O

que Azenha Junior aponta é que os textos técnicos podem ser passíveis de mais controle (1999, p.11), arrisco dizer por conta da menor possibilidade de interpretações.

O autor considera, portanto, o texto técnico como uma estrutura multidimensional (p.12), o que sugere diretamente o comprometimento deste com a realidade cultural que condiciona sua produção, tradução e recepção (p.11). É interessante focar nesse ponto da discussão porque aqui se observa a importância dos outros procedimentos por detrás da tradução. Nesse momento posso trazer as questões de escolha de língua de chegada, de projetos gráficos, de terminologias e, até mesmo, dos profissionais que serão inseridos no processo de produção editorial desse texto técnico a ser traduzido (tudo que engloba a função do editor). Todas essas escolhas estão diretamente relacionadas, de acordo com os desdobramentos feitos por Azenha Junior, à realidade cultural do texto original e à realidade cultural do público-alvo. Isso é importante para a análise que será realizada no presente trabalho.

Para o trabalho científico, porém, mais importantes do que os recortes propriamente ditos vem ser os critérios que norteiam tais escolhas: só a justificativa desses critérios é capaz de garantir alguma objetividade e, por conseguinte, um grau mínimo de aceitabilidade científica. Por sua vez, tais critérios estão ligados ao objetivo que se estabeleceu inicialmente para a pesquisa. (AZENHA JUNIOR, 1999, p.18)

O autor conversa diretamente com os tradutores, mas seus apontamentos podem ser direcionados a outros profissionais de produção editorial. No presente trabalho, me interessa direcionar essa fala aos editores.

Não apenas aos tradutores é importante saber com que tipo de texto se está trabalhando, mas também aos editores. A identificação da tipologia do texto auxilia o tradutor nas suas escolhas durante o processo de tradução, mas também é fundamental para o editor nortear seu trabalho e direcionar melhor as escolhas para o gerenciamento da produção do material. Por isso, não posso começar o presente trabalho sem enfatizar esse aspecto e apresentar os critérios que me levaram a enquadrar o texto *Pedagogia do Oprimido* no grupo de textos científicos.

Por intermédio do texto de Azenha Junior, pude chegar ao modelo de classificação tipológica de textos para tradução desenvolvido por Katharina Reiss. Para a autora, “o tipo de texto determina o método de tradução a ser escolhido” (REISS *apud* AZENHA JUNIOR, 1999, p.42). Ela parte de três perspectivas para investigar a relação entre tipo de texto e método de tradução, dessa forma chega a uma tipologia bastante satisfatória na qual me baseio para justificar a denominação que utilizo no presente trabalho.

A primeira perspectiva é a da experiência empírica e tem como foco a função comunicativa do texto; a segunda é a linguística que considera a linguagem como o principal meio de comunicação do homem com outros homens, ou seja, a principal maneira do homem se expressar; e a terceira perspectiva é a da teoria da comunicação na qual toda comunicação tem como objetivo ser recebida por um destinatário. Para analisar cada uma das perspectivas no âmbito da função comunicativa dos textos, o que interessa a Reiss para chegar a uma terminologia, a autora se vale de uma pergunta base: “Para que são escritos (os textos)?” (REISS *apud* AZENHA JUNIOR, 1999, p.43). Para ela, as três perspectivas são fundamentais para se alcançar uma terminologia de tipologia de textos válida. Essa pergunta permite uma relação entre as perspectivas para o desenrolar da análise de Reiss. A Tabela 1 apresenta, resumidamente, a análise escrita por Azenha Junior (1999) e indica a relação de uma perspectiva com a outra, mostrando que há um complemento de ideias entre elas de acordo com seu foco.

Tabela 1 — Análise das perspectivas apontadas por Katharina Reiss a partir da função comunicativa dos textos. (AZENHA JUNIOR, 1999, p.43-45)

<b>Para que são escritos os textos?</b>	<b>Perspectiva</b>		
	<b>Experiência empírica</b>	<b>Linguística</b>	<b>Teoria da comunicação</b>
	Informar	Representar o mundo	Ênfase no objeto do discurso
	Expressar a individualidade de um autor	Enriquecer o mundo	Ênfase no emissor do texto
Modificar o comportamento do leitor	Modificar o mundo	Ênfase no receptor do texto	

Em toda manifestação linguística entram em jogo basicamente as três funções da linguagem e os três componentes do processo de comunicação. Na produção de textos, porém, é perfeitamente possível que uma dessas funções ou um desses componentes ganhe uma posição de primazia em relação aos demais. Esse predomínio caracteriza, então, o tipo de texto e sua função comunicativa. (REISS *apud* AZENHA JUNIOR, 1999, p.45)

O resumo das ideias feito por Reiss nos indica que um texto pode conter uma ou mais funções e que estas possuem hierarquias dentro do texto. A partir disso, Azenha Junior (1999) nos apresenta os três tipos de texto definidos pela autora: informativo, expressivo e operativo (p. 46). Ele traz ainda as considerações da autora sobre cada um dos três tipos e seu método de tradução, as quais reproduzo na Tabela 2, a seguir.



Tabela 2 — Reprodução da síntese de Katharina Reiss sobre tipologia textual feita por João Azenha Junior. (AZENHA JUNIOR, 1999, p.46)

<b>Tipo de texto</b>	<b>Função textual</b>	<b>Característica</b>	<b>Padrão de equivalência</b>	<b>Método de tradução</b>
Informativo	Transmitir informação	Orientado para o referente	Invariância no plano do conteúdo	“simples, despretensioso, prosaico”
Expressivo	Expressão (escrita) artística	Orientado para o emissor (produtor)	Analogia na forma artística	“identificante”
Operativo	Desencadear impulsos de comportamento	Orientado para o receptor	Identidade do apelo imanente ao texto	“parodístico”, “adaptante”

Finalmente, para identificar que tipo de texto é a obra *Pedagogia do Oprimido* me valho principalmente das colunas “função textual” e “características” da Tabela 2. Como forma de ilustrar o resultado obtido, trago dois trechos da obra em questão:

**As afirmações que fazemos neste ensaio**, não são, de um lado, fruto de devaneios intelectuais nem tampouco, de outro, resultam, apenas, de leituras, por mais importantes que nos tenham sido estas. **Estão sempre ancoradas**, como sugerimos no início destas páginas, **em situações concretas**. Expressam reações de proletários, camponeses ou urbanos, e de homens de classe média, que vimos observando, direta ou indiretamente, em nosso trabalho educativo. Nossa intenção é continuar com estas observações para retificar ou ratificar, em estudos posteriores, pontos afirmados neste ensaio. **Ensaio que, provavelmente, irá provocar em alguns de seus possíveis leitores, reações sectárias.** (FREIRE, Paulo, 1987, p.13, meu grifo)  
 Desta maneira, **nos daremos por satisfeitos se, dos possíveis leitores deste ensaio, surjam críticas capazes de retificar erros e equívocos, de aprofundar afirmações e de apontar o que não vimos.** (FREIRE, Paulo, 1987, p.107, meu grifo)

A partir dos trechos acima, parece nítido que a intenção principal de Paulo Freire com a obra é transmitir informação, pois *Pedagogia do Oprimido* é um ensaio que traz situações concretas. Posteriormente a esse objetivo inicial, o educador indica que espera provocar reações em seus leitores, ou seja, desencadear impulsos de comportamento. Identifico, então, o texto como informativo e operativo. Todo discurso é orientado para o referente visto que se trata de um ensaio sobre as observações feitas pelo autor e se volta para o receptor quando o autor esclarece que tem expectativas de com o texto causar reações nos leitores.

Diante do exposto, considero como técnico e/ou científico com função informativa e operativa, para o presente trabalho, o texto *Pedagogia do Oprimido*. A nomenclatura que irei

utilizar para esse material é de texto científico, partindo das considerações de Camargo (2012), Azenha Junior (1999) e Reiss, a partir das quais entendo técnico e científico como sinônimos.

Definido o que é tradução e com que tipo de texto iremos trabalhar, podemos avançar nossa discussão sobre tradução e sobre os profissionais envolvidos nessa tarefa.

## 2.2 André Lefevere: o poder do tradutor e a patronagem

Lefevere (2007) inicia uma conversa sobre sistemas e tradução apresentando uma série de reflexões sobre quem é o profissional das reescrituras e que postura ele pode tomar diante do poder de manipulação que detém. Ele entrega ao tradutor o poder que ele pode possuir. É uma reflexão bastante construtiva no sentido de apresentar o verdadeiro papel da tradução dentro do sistema. O tradutor pode fazer parte do sistema ou se opor a ele tentando influenciar a evolução da cultura de origem. Lefevere denomina o sistema de “mecenas” fazendo alusão aos que comandam e regulam o sistema literário (p.31-32). Pensei aqui em grandes editores e até mesmo no sistema sociopolítico, pois muitas publicações são censuradas até hoje, em pleno século XXI. Como aponta Martins (2010),

A estrutura de poder consiste em três elementos, que interagem de várias formas: o componente ideológico (papel de qualquer tipo de censura, por exemplo), o econômico (papel do mecenas, dos reis, de agências governamentais) e o de prestígio, ou *status* (a aceitação da patronagem é sinal de integração a uma elite, por exemplo). (p.64)

Lefevere aponta que a patronagem pode ser indiferenciada (quando os três componentes são fornecidos por um único mecenas – componentes ideológico, econômico e de *status*) e diferenciada (quando o componente econômico não depende do ideológico e não necessariamente traz *status*) (p.36). Os *best-sellers*, como o autor aponta, são o grande exemplo de patronagem diferenciada. O tradutor recebe pelo trabalho, não necessariamente altera sua corrente ideológica para fazer parte desse trabalho e pode receber *status* ou não por ele (p.37).

Essa discussão permite ampliar a visão sobre o trabalho do tradutor e sua relevância. É muito mais do que alterar o idioma de um texto. O papel do tradutor é muito importante dentro de uma sociedade e de uma cultura e é fundamental que todo tradutor tenha consciência do poder que detém, mas isso nem sempre ocorre.

Lefevere introduziu o elemento político a essa discussão, o que tornou os estudos sobre tradução mais concretos, pois passam a envolver todos os elementos que podem interferir num trabalho de tradução. Conforme Martins (2010) destaca, a ideia de interação entre tradução, cultura e estruturas de poder é fundamental para entender o papel das editoras e instituições que interferem diretamente nas decisões editoriais (p.65). Cada escolha, desde o texto a ser traduzido, o profissional que trabalhará esse texto, as normas que ele deverá seguir, o projeto gráfico da obra traduzida, os elementos da capa, etc, indica a atuação da patronagem e é o resultado de um aglomerado de poderes (político, econômico, cultural, social).

### 2.3 Teoria dos Polissistemas: aplicabilidade e desdobramentos

Lefevere (2007) introduz a ideia de sistemas aos tradutores no âmbito da prática da tradução, seus efeitos, ônus e bônus. Mas, é preciso aprofundar essa discussão trazendo a fonte dos estudos de Lefevere (2007). Por isso, a Teoria dos Polissistemas de Itamar Even-Zohar (1990) se fez fundamental para a observação da dinâmica das traduções e seu alcance.

Conforme apresenta Carolina Alfaro de Carvalho (2005), sistema é uma “rede de relações que pode ser tomada como hipótese para um determinado conjunto de supostos observáveis” (p.30) e polissistema é “um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas que se entrecruzam e em parte se sobrepõem, que empregam opções concorrentemente diferentes mas que funcionam como um todo estruturado cujos membros são interdependentes” (p.30). A partir desses conceitos, é importante entender que tanto o sistema como os polissistemas são resultados da pesquisa (qualquer que seja ela) e que o observador é quem vai determiná-los. Tendo em vista que os sistemas são dinâmicos e permeáveis entre si, fica mais fácil organizá-los e defini-los para uma sistematização da pesquisa que se deseja realizar. Foi o que fiz para o presente trabalho: determinei como polissistema de estudo o que denominei Polissistema de Produção Científica (conceituação explicada na seção 2.1). Essa determinação hierarquiza minha pesquisa e me auxilia a formar as relações entre os dados coletados.

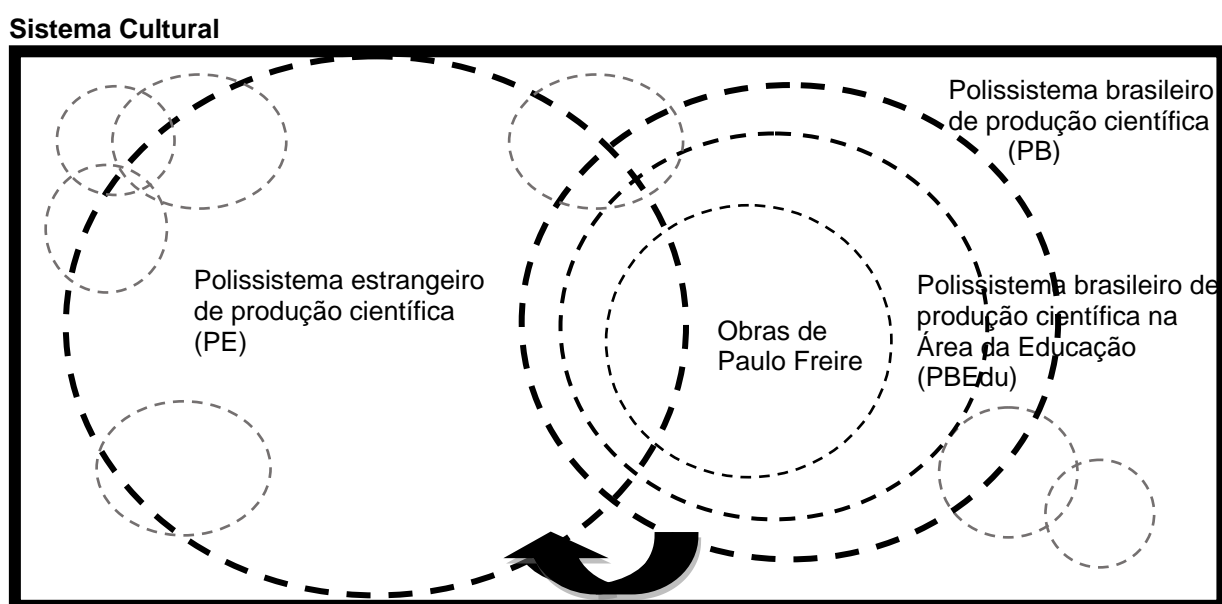
Even-Zohar (2005) esclarece que “é preciso também aceitar que o estudo histórico de fenômenos como polissistemas não pode limitar-se aos segmentos de prestígio” (p.4, minha tradução). Ou seja, a visão sistêmica faz com que os sistemas não centrais (aquilo que possui

menos *status* em uma determinada cultura) sejam observados e adquiram interesse importante e indispensável para a pesquisa.

As visões de posição central e posição periférica podem ser ampliadas e adaptadas para diversos objetos de estudo de tradução, e não apenas à tradução literária (área que não é de meu interesse de pesquisa). A posição periférica é ocupada quando o processo de tradução tenta se ajustar à cultura de chegada e acaba se afastando das normas da cultura de origem. Já a posição central não se preocupa tanto com as normas da cultura de chegada, mas sim em ampliar o repertório e exercer um papel inovador.

A partir dessa reflexão, ilustro com um diagrama, proposto por mim, como funcionaria a rede de sistemas na análise da obra de Paulo Freire (Figura 1). Parto da minha escolha por analisar uma rede de polissistemas que chamo de Produção Científica e apresento as relações entre essa rede separando-a em conjuntos e subconjuntos.

Figura 1 — Diagrama do Sistema Cultural que engloba os Polissistemas de Produção Científica Estrangeiro e Brasileiro e sua relação com a obra de Paulo Freire.



De acordo com a Figura 1, temos o Sistema Cultural que abrange todos os polissistemas (seja literário ou não). Como o foco do presente trabalho é no Polissistema de produção científica (conforme o denominei), ilustro apenas os polissistemas que fazem parte desta pesquisa. Temos o Polissistema brasileiro de produção científica (PB), que abrange toda produção considerada científica no Brasil, e o Polissistema estrangeiro de produção científica (PE), que abrange a produção científica dos outros países que não o Brasil. Dentro do PB insiro o

Polissistema de produção científica na Área da Educação (PBEdU), de acordo com o recorte feito para o presente trabalho, e dentro deste último insiro o subconjunto das Obras de Paulo Freire.

Observando o diagrama, identificamos que PB, PBEdU e Obras de Paulo Freire possuem um ponto de interseção com PE. Isso indica que esses subconjuntos estão presentes (até certo ponto) em PE, incluindo as Obras de Paulo Freire. Concluímos a partir disso a abrangência das obras a nível mundial, extrapolando o Polissistema brasileiro de produção científica.

Estes sistemas não são iguais, mas hierarquizados dentro do polissistema. É a tensão permanente entre as várias camadas que constituem o (dinâmico) estado sincrônico do sistema. É a prevalência de um conjunto de opções sistêmicas mais outra que constitui a mudança no eixo diacrônico. Neste movimento centrípeto vs. centrífugo, opções sistêmicas podem ser conduzidas a partir de uma posição central para uma marginal, enquanto outros podem ser empurrados para o centro e prevalecer. No entanto, em um polissistema não se deve pensar em termos de um centro e uma periferia, uma vez que várias dessas posições são hipóteses. Um movimento pode realizar-se, por exemplo, a partir do momento em que um determinado produto (elemento, função) é transferido da periferia de um sistema para a periferia de um sistema adjacente dentro do mesmo polissistema, e em seguida pode ou não passar para o centro desse último. (Even-Zohar, 2005, p.5, minha tradução)

Conforme nos mostra Even-Zohar (2005) no trecho acima destacado, numa rede de polissistemas as posições de central e periférico não são estáveis. Por isso, anteriormente destaquei outra passagem do teórico afirmando que não se pode focar apenas nos segmentos de prestígio para as análises. Para a Teoria dos Polissistemas, essa posição de prestígio é móvel e intercambiável com a posição periférica (de menos *status*). Isso depende do foco da pesquisa e do objetivo do pesquisador.

Percebemos, a partir da análise da Figura 1, que o PB intercambia a posição central e a posição periférica com o PE, ele nem sempre ocupa o papel de polissistema periférico em relação ao PE e pode ser considerado polissistema central quando observado sob a ótica das Obras de Paulo Freire. Concluímos isso porque nem sempre quando falamos de produção científica o Brasil é o produtor de maior prestígio. Tal fato foi constatado, inclusive, durante a escolha do tema e do objeto de estudo do presente trabalho. Quando objetivei estudar autores brasileiros que possuem grande abrangência mundial no âmbito do conhecimento científico, não obtive muitos nomes como resposta. Porém, quando escolhi Paulo Freire percebi que ele fugia ao esperado sendo um autor utilizado como base para pesquisas no ramo da Educação em todo mundo. Portanto, ao falar de Paulo Freire e o polissistema de produção científica, o Brasil sai da posição periférica e passa a ocupar a posição central, de maior *status*. Essa observação confirma o que Carvalho (2005) aponta: “Os sistemas são portanto redes

dinâmicas, hierarquizadas em estratos formados pelas relações intra e inter-sistêmicas de seus elementos, e cujas fronteiras com sistemas adjacentes estão sempre se redefinindo.” (p.30).

#### 2.4 Visão descritiva: relação da tradução com a situação comunicativa

Gideon Toury expandiu a teoria de Even-Zohar que trata a literatura como um polissistema, defendendo uma sistematicidade para os Estudos Descritivos da Tradução (DTS). Essa sistematicidade permitiria generalizações válidas sobre a tradução literária (MARTINS, 1999, p.54). Os estudos de Toury muito interessam para o presente trabalho porque consideram o produto como ponto de partida, ou seja, antes de focar na relação do texto original com o texto traduzido, observa a posição da tradução no sistema-alvo. Como o foco desta pesquisa não é o processo tradutório, mas sim a posição do texto traduzido no sistema-alvo, Toury tem muito a contribuir.

A ênfase dos DTS está na interdependência de três abordagens: função, processo e produto. Martins (1999) resume essa relação de interdependência:

a *função* potencial de uma tradução no sistema determina sua realização linguístico-textual, ou seja, o *produto*, o qual, por sua vez, governa tanto as estratégias através das quais o texto-alvo é gerado a partir de um texto-fonte quanto as relações que os mantêm integrados, ou seja, o *processo*. (p.56; grifos da autora)

As traduções têm como objetivo preencher espaços no sistema-alvo e para isso é permitido que o texto-fonte tenha algumas de suas características mantidas ou alteradas, o que dependerá da pertinência destas últimas no contexto do sistema-alvo. Isso é determinado pelo conceito de “norma” definido por Toury (1995, p.51) como: “a tradução de valores gerais e ideias compartilhadas por uma dada comunidade com relação ao que é certo e errado, adequado e inadequado, em instruções de desempenho aplicáveis a situações específicas, desde que não sejam (ainda) formuladas como leis”.<sup>13</sup>

O teórico divide o conceito de norma em três categorias: *normas preliminares*, envolvem a escolha do texto que será traduzido e as estratégias globais que serão utilizadas para a tradução considerando o polissistema específico da cultura-alvo; *norma inicial*, decisão do tradutor por uma tradução adequada (adotando as normas e as relações textuais do polissistema original) ou aceitável (adotando as normas linguísticas e literárias do

---

<sup>13</sup> Tradução de Marcia Martins.

polissistema meta), lembrando que não são decisões excludentes; e *normas operacionais*, se referem às decisões feitas durante o processo de tradução, podendo ser matriciais (acréscimos e omissões) e textuais (preferências linguísticas e estilísticas) (MARTINS, 1999, p.58).

O conceito de normas pode ser considerado uma das categorias de análise do fenômeno tradutório e elas podem ser estudadas não apenas a partir do texto fonte e do texto traduzido, mas também por meio de paratextos.

É importante ressaltar que todas essas teorias e discussões foram criadas e iniciadas com foco no sistema literário e na tradução de textos literários. Porém, é possível aplicarmos tudo isso ao sistema de traduções de textos científicos, o que o presente trabalho se propõe a realizar.

O novo paradigma proposto fundamenta-se na suposição de que traduzir é uma atividade orientada por normas culturais e históricas: a própria escolha dos textos a serem traduzidos, as decisões interpretativas tomadas durante o processo tradutório, e a divulgação, a recepção e a avaliação das traduções são fatores consideravelmente influenciados pelos distintos contextos socioculturais observados em determinados momentos históricos. Esse modelo leva o estudioso a considerar os vários elementos que concorrem para a natureza de uma tradução, em análises que poderão focar uma grande variedade de traduções produzidas num certo período, o desenvolvimento histórico da tradução e suas funções culturais em uma determinada sociedade e a influência do mercado editorial na produção e disseminação de obras traduzidas. **Os estudos descritivos analisam as traduções inseridas em uma situação comunicativa, na tentativa de determinar os vários fatores que contribuíram para criar produtos específicos.** (...) o que importa é determinar o lugar que uma tradução ocupa dentro do sistema literário da língua-meta, e não mais verificar até que ponto o texto traduzido conseguiu refletir o chamado original. (ibid., p.31-32, grifo meu)

Conforme destacado na citação acima, os DTS se preocupam com a situação comunicativa e consideram que o ato tradutório é guiado por normas culturais e históricas. Tendo a definição de norma e suas categorias, fica nítida a importância dos DTS para o presente trabalho. As escolhas do texto e da cultura-alvo são influenciadas diretamente pelo mercado editorial. É também o trabalho do editor identificar as lacunas de determinada cultura e trazer para ela textos traduzidos que as preencham. A partir desse movimento, o contexto sociocultural da cultura-alvo determinará o lugar que uma tradução ocupará em seu sistema.

Essa análise pode ser feita não apenas com base na comparação entre original e tradução, mas também com base em aspectos extratextuais. É isso que o presente trabalho se propõe a realizar. A partir da quantidade de versões, da quantidade de edições e reedições, dos aspectos gráficos e das informações contidas nas capas das versões de *Pedagogia do Oprimido*, se pretende entender que lugar essa obra ocupa no sistema de produção científica

estrangeiro. Porém, para discutir esses detalhes é preciso aprofundar um pouco mais as teorias e entender melhor a importância dos paratextos que serão analisados.

## 2.5 Editoração e as escolhas de um editor

Mencionei algumas vezes até o momento que o foco da presente pesquisa é no trabalho do editor. Mas o que seria o trabalho do editor? Faz-se necessário falar sobre isso e trazer à discussão teórica um resumo, ao menos, sobre o conceito de editoração e sua relação com o trabalho do editor.

Hoje, segundo a definição mais corrente, editoração é o conjunto de teorias, técnicas e aptidões artísticas e industriais destinadas ao planejamento, feitura e distribuição de um produtor editorial. Em outras palavras, **editoração é o gerenciamento da produção de uma publicação** – livros, revistas, jornais, boletins, álbuns, cadernos, almanaques, etc. (ARAÚJO, 2008, p.38, grifo meu)

Emanuel Araújo (2008) faz uma linha do tempo para explicar como surgiu o trabalho de editoração e como a função do editor foi se modificando ao longo do tempo. Ele separa essa linha do tempo em quatro partes: os livros dos bibliotecários (a), os livros dos monges (b), os livros dos impressores (c) e os livros dos editores (d).

A época dos livros dos bibliotecários é retratada no Ocidente desde o século III a.C., quando o editor era visto como preparador de originais tendo a responsabilidade pela edição do texto transcrito pelos copistas (p.38). Nessa época, os livros eram escritos para serem recitados. Autores, atores, leitores-recitadores possuíam grande prestígio devido a transmissão dos livros ser basicamente oral.

Com a popularização das tragédias, a produção de textos foi sendo cada vez mais estimulada e então inicia-se a solicitação de cópias para que as obras fossem multiplicadas. É a partir do século IV a.C. que podemos começar a falar sobre comércio de livros. O mercado leitor aumenta de forma crescente e surgem as profissões associadas especificamente ao livro, como: o copista, o especialista em pintar letras capitais e o livreiro (p.38). A ampla divulgação dos textos iniciou a organização de algumas bibliotecas, inclusive.

Como dito, os textos eram copiados para serem multiplicados. Porém, não existia uma normalização para essas cópias e os copistas as faziam de maneira arbitrária. Não havia, portanto, editoração nesse processo de cópias e os textos originais nunca combinavam com suas cópias. Devido a esse problema, fez-se necessário criar uma normalização que abrangia



questões de pontuação, transcrição, divisão de palavras, etc., eram diretamente relacionadas ao conteúdo do texto. Esse processo foi iniciado com os textos dos três trágicos mais importantes da Grécia: Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Ordenou-se que fossem criadas cópias definitivas, chamadas de cópias públicas, para serem depositadas nos arquivos do Estado.

Os alexandrinos se destacaram nessa tarefa e são conhecidos por realizarem um trabalho minucioso e extremamente cuidadoso de editoração. São os primeiros editores e se preocupavam em estabelecer um texto único e completo a partir das cópias que já circulavam. Os textos criados por eles advinham das cópias porque os manuscritos originais do autor já haviam se perdido.

Após o declínio de Roma (século V) até o século XV houve uma intensificação do processo de editoração, é a parte do livros dos monges (b). Nesse período destacamos três personagens fundamentais: o padre grego Orígenes Adamâncio, os massoretas (eruditos judeus) e os monges beneditinos. O primeiro foi responsável por estabelecer uma edição única e definitiva, a partir das diversas traduções latinas do Ocidente, da Bíblia latina. Sua versão foi declarada como a mais amplamente divulgada pelo concílio de Trento, em decreto de oito de abril de 1546, que oficializou sua adoção litúrgica (ARAÚJO, 2008, p.42). Os massoretas são responsáveis pela padronização em hebraico do Antigo Testamento. Essa padronização é considerada o mais notável esforço filológico e editorial da época.

Porém, a atenção maior é voltada para o trabalho dos monges. “Foi, na realidade, com Bento de Núrsia, patriarca dos monges do Ocidente e fundador do Monte Cassino, que se inaugurou de fato o movimento sistemático da editoração medieval.” (p.43). Os monges se dedicaram a compilação de manuscritos para ampla divulgação, principalmente, na comunidade religiosa. Vale lembrar que nessa época os livros eram destinados a religiosos, aristocratas, eruditos e colecionadores, eram artigo de luxo.

O trabalho dos monges iniciou o que hoje conhecemos como processos de produção editorial, dividido em etapas sequenciais para obtenção de um produto final de qualidade. Segundo Araújo (2008), havia o *notarius* que dirigia os trabalhos do *scriptorium* (local onde os monges copistas trabalhavam, extensão da biblioteca dos mosteiros, normalmente), ou seja, era o supervisor editorial. Havia os copistas, que eram os em maior quantidade, e os monges menos hábeis ou os noviços eram encarregados de pautar as folhas, dobrá-las em cadernos, copiar textos correntes (trabalhos mais simples) (p.43). As obras mais importantes não passavam por esses últimos, mas sim pelos *bibliographius*, *calligraphius* ou *antiquarius*. Passada essa etapa do tratamento do texto, ele era encaminhado aos iluminadores,

miniaturistas ou rubricadores (os ilustradores da época) para então chegar ao encadernador e virar um livro (p.44). Esse processo de editoração abastecia todo o público leitor e as bibliotecas do convento. Alguns conventos chegaram a ter até quinhentos copistas trabalhando nessas produções.

É nessa época que se começa a preocupação com o formato do livro também, pois as instituições docentes apontam a dificuldade de manuseio. O público leitor começa a aumentar e os livros começam a circular mais, ou seja, o mercado leitor passa a solicitar uma mudança no formato dos livros produzidos pelos monges. Essa questão é resolvida no século XV, já entrando na parte dos livros dos impressores (c). A padronização da forma do livro foi um processo muito rápido, realizado em menos de trinta anos e definida praticamente como é até hoje.

A partir do final do século XIII até o início do século XV é que podemos citar os impressores, o papel, a xilogravura e a tipografia. O papel e a xilogravura se associam e tinham como objetivo superar o custo elevado do pergaminho. A partir deles, rapidamente se chega à tipografia para concorrer com a indústria dos manuscritos. A tipografia foi muito importante para ampliar o processo de multiplicação dos textos e trazia, além da maior velocidade nas cópias, a diminuição da incidência de erros. Porém, os erros, antes cometidos pelas possíveis variantes dos copistas, passam a ser erros de impressão possibilitando que as cópias tivessem páginas, letras, linhas ou palavras diferentes. Surge então o impressor. O impressor não necessariamente era quem cuidava da preparação do texto. Portanto, o editor começa a se diferenciar e não mais ser responsável pela etapa de impressão. Havia aqueles que também cuidavam da impressão, considerados os completos editores (p.47).

Chega-se à parte dos livros dos editores (d), a partir do século XVI e considerada até os dias atuais. Com o trabalho dos tipógrafos, aumentou-se o comércio de livros e surgiram as casas impressoras (chamadas de gráficas, atualmente). A partir disso, algumas preocupações surgem: concorrência, margem de lucro, custo da matéria-prima, salários, distribuição dos livros, direitos autorais, etc. (p.48). Como o número de livros aumentava, era necessário melhorar técnicas de impressão e também de produção editorial; inicia-se a especialização dos profissionais envolvidos no processo de acordo com a área do conhecimento. Tudo isso são questões atuais e com as quais o editor precisa lidar.

A partir dessa fase, as publicações vão sofrendo atualizações, modernizações, chega-se ao livro de bolso, aos tipos de papel, aos variados tipos de publicação (livros, periódicos, revistas, etc.), ao editor, não apenas de texto, mas de audiovisual para rádio e TV; tudo que

vimos nos dias de hoje. E o editor continua presente, não mais como normalizador de originais apenas. O advento de todas essas mudanças e modernizações traz para o editor novas atribuições e a ele passa a caber a tarefa de coordenar as múltiplas etapas da preparação de originais para publicação que envolvem outros profissionais.

No âmbito restrito da produção de livros, contudo, *editoração* poderia definir-se hoje no Brasil como o conjunto de tarefas do editor, que consistem basicamente em supervisionar a publicação de originais em todo o seu fluxo pré-industrial (seleção, normalização) e industrial (projeto gráfico, composição, revisão, impressão e acabamento). (ARAÚJO, 2008, p.54, grifo do autor)

Para o presente trabalho, importante também é atentar-se para o fato de que o editor precisa estar preparado para analisar cada detalhe da obra. Cada escolha tem um porquê e todas devem ser feitas com cuidado e conhecimento. Por isso, como nesta pesquisa analisaremos as capas das versões em inglês e espanhol da *Pedagogia do Oprimido*, é preciso entender a importância dos paratextos. Lembrando que a capa, além de ser um paratexto, contém diversos outros elementos paratextuais.

## 2.6 Paratextos e sua importância para a pesquisa

Conforme nos traz Teresa Dias Carneiro (2014), quando se fala em teoria de paratexto o nome mais citado é de Gérard Genette, semiólogo e teórico da literatura francesa, que não tem ligação com os Estudos de Tradução. Para Genette,

o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. (...) O paratexto compõe-se, pois, empiricamente, de um conjunto heteróclito de práticas e de discursos de todos os tipos e de todas as idades que agrupo sob esse termo, em nome de uma comunidade de interesse, ou convergência de efeitos, que me parece mais importante do que a diversidade de aspecto. (GENETTE, 2009, p.9-10)

Genette não traz à discussão aspectos ligados à tradução, porém isso é de se esperar porque o foco do teórico não é em textos traduzidos, mas sim em aspectos que envolvam as obras originais. Apesar disso, como Carneiro (2014) aponta, acredito que as perguntas propostas por Genette para definir elementos do paratexto podem ser aplicadas diretamente em obras traduzidas.

Para o presente trabalho, é importante salientar a subdivisão de paratexto feita por Genette, pois não irei tratar dos dois subtipos, me atendo apenas a um deles: peritexto ou paratexto, conforme veremos a seguir.

Genette subdivide o paratexto entre *peritexto* e *epitexto*. **Peritexto é o que está em torno do texto no âmbito do livro, no espaço do mesmo volume** (capa, quarta capa, folha de rosto e anterrosto, verso da folha de rosto, orelhas, prefácios, posfácios, introduções autorais ou alográficas, notas, glossários, etc.). **O epitexto também está em torno do texto, mas à distância, no exterior do livro, apoiado em um suporte mediático** (entrevistas e críticas), **ou se localiza longe dos olhos do público** (correspondências, diários, etc.). (CARNEIRO, 2014, p.71-72, grifo meu)

Genette, em publicação anterior datada de 1982, conforme nos aponta Carneiro (2014, p.72), traz outras nomenclaturas para as subdivisões apresentadas na publicação de 2011, as quais serão adotadas no presente trabalho: peritexto como paratexto e epitexto como metatexto. Portanto, chamaremos no presente trabalho de paratexto o que foi definido como peritexto na citação acima destacada.

A justificativa de me ater ao paratexto (peritexto) é simples: são os elementos de responsabilidade do editor. Conforme nos aponta Nicoletta Cherobin (2011, p.229): “reconhecer os elementos paratextuais em um texto torna a leitura mais produtiva, pois ilustram as intenções iniciais do autor e/ou editor, o objetivo a ser atingido pela publicação, pois (...) o paratexto representa mesmo uma extensão da obra.” O foco do presente trabalho é no trabalho do editor e sua relação com as teorias da tradução.

Assim, no primeiro capítulo, Genette trata do conceito de Peritexto Editorial, que é caracterizado como uma zona espacial onde se encontram todos aqueles elementos que apresentam o livro: capa, página de rosto e anexos, o formato, composição, tiragens etc.. **Trata-se da realização material do livro, cuja responsabilidade cabe principalmente ao editor.** (ibid., p.226, grifo meu)

Mesmo não sendo direcionadas a textos traduzidos, as questões que Genette traz para análise de paratextos são completamente aplicáveis aos textos traduzidos. Abaixo, apresento a Tabela 3 com um resumo das características apontadas por Genette e seu posicionamento no texto.

Tabela 3 — Análise de características dos paratextos segundo Genette (2009).

<b>Características</b>	<b>Posicionamento</b>
Espaciais	Posição do paratexto analisado em relação ao texto.
Temporais	Surgiu antes, ao mesmo tempo ou depois do texto publicado.
Substanciais	É textual ou iconográfico.
Pragmáticas/funcionais	Instância de comunicação do paratexto analisado.

O que é importante destacarmos da teoria de Genette é que o teórico considera mais essencial dentre todas as características apontadas na Tabela 3, a característica

pragmática/funcional (GENETTE, 2009, p.73). A partir disso ele explicará a função de cada elemento paratextual, sob o seu ponto de vista. Isso será detalhado no capítulo reservado para análise da presente pesquisa (Capítulo 3).

No presente trabalho, irei analisar as informações contidas nas capas das versões da *Pedagogia do Oprimido*. A análise se dará nas obras em espanhol e inglês, como veremos mais adiante. Portanto, a Tabela 3 será aplicada diretamente aos elementos contidos na capa. A capa, por si só, já é um paratexto; porém, darei ênfase aos paratextos que estão contidos nela (indicação de prefácio, de nome do autor, de traduções, de edições especiais, etc). Tudo isso será apresentado em detalhes no capítulo que trata da análise (Capítulo 3).

Para chegar ao Capítulo 3 e apresentar a análise, foi preciso realizar desdobramentos sobre várias teorias e conceitos. Até este ponto uma discussão permitiu a discussão seguinte, sempre complementando-a. Genette complementa os estudos diretamente ligados à área de editoração trazidos na seção 2.5.

Após a discussão dos conceitos e das teorias apresentados neste capítulo, podemos configurar uma metodologia para a presente pesquisa que considere e envolva as questões aqui apontadas.

## **2.7 Como se realizou a análise: metodologia**

Logo após o levantamento das teorias e dos conceitos que embasam o presente trabalho, faz-se necessária uma sistematização da análise. Para isso, utilizarei o modelo metodológico de José Lambert e Hendrik van Gorp (2011) e farei anotações de acordo com os conceitos de Genette (2009) e Araújo (2008).

Lambert e van Gorp (2011) se preocupam com o modo de se analisar as traduções para que as pesquisas sejam relevantes, tanto do ponto de vista histórico como do ponto de vista teórico, e consideram que a negligência da sistematização dos estudos descritivos torna as pesquisas desse campo de estudo deficientes. Os autores enfatizam que não se pode considerar como análise de tradução a análise apenas do texto-fonte em relação ao texto-alvo (p.198).

Eles propõem um modelo para o estudo descritivo de traduções literárias através da abordagem funcional e sistêmica. Este modelo visa orientar melhor o pesquisador e ampliar

sua visão sobre o texto estudado. O objetivo dessa proposta é mostrar que diversas relações devem e precisam ser consideradas para uma pesquisa no âmbito da tradução. Apontam ainda que uma visão ampla dos polissistemas literários da cultura de origem e da cultura de chegada são importantes para o estudo da tradução. As relações estabelecidas por meio do estudo desses polissistemas auxiliam a uma pesquisa melhor fundamentada. A relação entre o autor, os leitores e os textos, tanto da cultura de origem como da cultura de chegada, deve ser considerada. Por isso, previamente (Figura 1), fiz a análise com base nos polissistemas, mas, no meu caso, não foco em polissistemas literários, e sim em polissistemas de produção científica.

Há uma infinidade de enfoques para a análise dentro do modelo proposto pelos autores, e, como eles próprios observam, é impossível dar conta de todos os aspectos que podem ser levantados. “Como toda tradução é o resultado de relações específicas entre os parâmetros mencionados no esquema, a tarefa do estudioso será estabelecer quais relações são as mais importantes” (LAMBERT e VAN GORP, 2011, p.200). Porém, a sistematização permite adotar um método mais flexível de análise, deixando de ser intuitivo e de trabalhar com exemplos aleatórios. Como esse modelo proposto é abrangente e pode ser utilizado também em pesquisas que não tratem de tradução literária, como já fez Carvalho (2005) que utilizou o modelo para trabalhar com as traduções para legendas, escolhi utilizá-lo como metodologia para o presente trabalho. É um esquema amplo e, ao mesmo tempo, prático e sintético. Consideram-se quatro etapas (Tabela 4): dados preliminares (aspectos extratextuais como editoras, tradutores, menção ao tradutor, idioma do texto-alvo, capa, título), nível microestrutural (estrutura interna do texto e escolhas linguísticas, gráficas, estilísticas e tradutórias), nível macroestrutural (estrutura geral do texto) e contexto sistêmico (posição da tradução no contexto sociocultural estrangeiro). A análise de cada etapa, por meio das perguntas levantadas (que serão vistas mais à frente), gera hipóteses e estas devem ser verificadas através de análises em outra etapa. Nesse sentido, o esquema:

(...) compreende todos os aspectos relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, inclusive o processo da tradução, suas características textuais, sua recepção e até mesmo seus aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução. (LAMBERT ; VAN GORPO, 2011, p.202)

Tabela 4 — Esquema sintetizado de Lambert e van Gorp para a descrição de tradução.

(Lambert e van Gorp, 2011, p.211-212) (continua)

<b>Dados preliminares</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Título e página-título.</li> <li>• Metatextos.</li> <li>• Estratégia geral.</li> </ul>
---------------------------	---

(continuação)

<b>Nível macroestrutural</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Divisão do texto.</li> <li>• Títulos dos capítulos, apresentação dos atos e cenas.</li> <li>• Relação entre os tipos de narrativa.</li> <li>• Estrutura narrativa interna.</li> </ul>
<b>Nível microestrutural</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seleção de palavras.</li> <li>• Padrões gramaticais dominantes e estruturas literárias.</li> <li>• Níveis de linguagem.</li> </ul>
<b>Contexto sistêmico</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Oposições entre micro e macroníveis e entre texto e teoria.</li> <li>• Relações intertextuais.</li> <li>• Relações intersistêmicas.</li> </ul>

Com base no modelo de Lambert e van Gorp (2011) podemos alcançar hipóteses práticas sobre o estudo da tradução e ampliar o campo de sua teoria. Porém, é importante sempre salientar a flexibilidade das escolhas e dos métodos escolhidos de acordo com cada pesquisa. O imprescindível é não se ater somente ao texto-fonte em relação ao texto-meta e levar em consideração os aspetos que os permeiam. Partindo dessa reflexão, considere que o método proposto por Lambert e van Gorp se encaixa nos meus interesses de pesquisa para o presente trabalho. Não é meu intuito me ater aos níveis macro e microestruturais porque não me proponho a analisar as versões da obra de Paulo Freire, e também porque o estudo de todas as etapas resultaria em uma pesquisa muito extensa. Minha proposta é analisar o alcance da obra *Pedagogia do Oprimido*, escrita por ele, no contexto de produção científica estrangeiro.

De acordo com Antunes (2009), “o estudioso deverá priorizar a(s) etapa(s) do esquema que melhor atendam a seu interesse de pesquisa” (p. 41). Portanto, no presente trabalho, escolho analisar a etapa dos dados preliminares, a qual

consiste de aspectos extratextuais que permitem que o leitor construa uma ideia geral a respeito da obra. Nessa fase, o pesquisador verifica, por exemplo, se o texto é apresentado como uma tradução, se o nome do tradutor é mencionado, se o editor inclui metatextos e examina aspectos tais como a editora, data de impressão, título, capa, paratextos e a estratégia geral de tradução. (ibid., p.39-40)

Para realizar essa análise e elaborar minhas perguntas dentro do esquema de Lambert e van Gorp utilizarei também como metodologia de pesquisa as questões levantadas por Araújo (2008) e Genette (2009), que trazem a importância e a função de cada elemento contido nas publicações. Ambos os autores trazem definições e análises de partes extratextuais das publicações, ou seja, a função de cada elemento, a importância, seu alcance, etc.

Como me ative aos dados preliminares, meu material de análise são capas de versões da obra *Pedagogia do Oprimido*. Esse material me levantará uma série de perguntas tais

como: o que recebe maior destaque na capa: o título, o nome do autor, o nome do tradutor ou algum outro elemento?; há alguma ilustração que traga mensagem forte e fundamental para a obra?; algum nome é citado na capa ou na quarta capa, quando houver, que não seja autor ou tradutor?; esse nome recebe destaque?; caso sim, por quê?; o nome da editora é visível?; trata-se de que tipo de editora?; a capa se parece ou faz referência a alguma outra capa anterior?; o que indica a posição de cada elemento observado na capa?.

Essa análise me levará também às questões que envolvem o contexto sistêmico, porque me mostrará o número da edição da obra o que permite compreender a posição da versão no contexto sociocultural estrangeiro, portanto, tecerei comentários a respeito. A informação do número da edição da obra me permite verificar a existência de um público-leitor grande ou pequeno na cultura-alvo e me possibilita uma série de inferências sobre a importância da obra nesse contexto.

Uma etapa está interligada à outra no esquema proposto por Lambert e van Gorp (2011). E é por isso que o presente trabalho não se esgota nesse momento, mas abre portas para que outras perguntas sejam levantadas dentro de outras etapas e que a junção das respostas permita um estudo aprofundado do tema. Fica claro, então, que dar conta de todos esses aspectos não é possível na presente pesquisa. Cada etapa permite levantar uma série de perguntas que levam a outras. Neste momento tentarei aprofundar-me na etapa dos dados preliminares e essa etapa já me levará para a etapa do contexto sistêmico, pois as respostas às perguntas levantadas para a primeira etapa terão ligação direta com a última etapa.

Como se pode perceber, o modelo de Lambert e van Gorp (2011) foi enriquecido com os questionamentos de Genette (2009) e os conceitos de Araújo (2008) para ser utilizado num contexto de textos científicos e não literários. As etapas que serão utilizadas no presente trabalho podem ser enquadradas também em uma pesquisa com texto científico (conforme será apresentado no Capítulo 3) se os conceitos e teorias do contexto científico forem adicionados ao modelo e as perguntas de pesquisa forem redirecionadas de acordo com esses.



### 3 *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E ALGUMAS DE SUAS VERSÕES PELO MUNDO*

*Pedagogia do Oprimido*, a obra mais conhecida de Paulo Freire, foi editada primeiro em inglês e espanhol, em 1970, só aparecendo no Brasil quatro anos depois, embora o manuscrito fosse de 1968. Esse livro foi traduzido em 17 idiomas e prefaciado por Ernani Maria Fiori. Os livros de Freire têm sido publicados em diversas línguas e influenciado toda uma geração de educadores e militantes políticos. (GADOTTI, 1996, p.60)

Como as obras de Paulo Freire estão em domínio público, é relativamente fácil ter acesso ao seu acervo. Há vários projetos que objetivam tornar viva a obra do autor e tratam também sobre os fatos de sua vida e sua importância para a área de Educação no Brasil e no mundo, como vimos no Capítulo 1. Uma dessas iniciativas é o Projeto Memórias – Paulo Freire, já mencionado. Foi a partir dos dados e das informações disponíveis nesse projeto que desenvolvi o presente trabalho. Ele é o único projeto que apresenta informações *online* sobre as traduções das obras de Paulo Freire, e a partir disso consegui encontrar as capas para a análise. Pude buscar dados também na obra organizada em 1996 por Moacir Gadotti, *Paulo Freire: uma biobibliografia*, que traz dados importantes para pesquisas sobre a vida e as obras de Paulo Freire. Nesse livro, Gadotti aponta que *Pedagogia do Oprimido* foi traduzida para 17 idiomas<sup>14</sup> (conforme indica o trecho destacado acima), mas não encontrei capas de todas essas traduções.

Inicialmente, busquei por publicações de traduções da obra *Pedagogia do Oprimido* e capas dessas publicações, lembrando que o original manuscrito está em língua portuguesa do Brasil, como já foi mencionado na Introdução do presente trabalho. Encontrei capas de traduções somente para os seguintes idiomas: inglês, espanhol, italiano, francês, alemão, japonês, norueguês, coreano, indonésio e sueco. Essas informações estão disponíveis no acervo de livros<sup>15</sup> do Projeto Memórias – Paulo Freire e na obra organizada por Moacir Gadotti (1996) e são dados coletados entre 1968 e 1993, ou seja, não estão completamente atualizadas tendo em vista que já estamos no ano 2016. Por esse motivo, considero o presente trabalho uma breve historiografia das versões da obra *Pedagogia do Oprimido* e uma atualização importante, visto que há mais de uma década a ser pesquisada para atualizar o acervo. Essa atualização depende do contato com editoras estrangeiras e brasileiras. Tentei contato com a editora Penguin, mas não obtive retorno. Já a Siglo XXI respondeu ao meu

---

<sup>14</sup> São eles: inglês, espanhol, português de Portugal, italiano, francês, alemão, holandês, japonês, norueguês, coreano, indonésio, sueco, finlandês, dinamarquês, grego, árabe e chinês.

<sup>15</sup> Disponível em: [http://www.projeto memoria.art.br/PauloFreire/obras/obras\\_livros.html](http://www.projeto memoria.art.br/PauloFreire/obras/obras_livros.html)

primeiro *e-mail* apenas dizendo que possui exclusividade para traduzir as obras do autor que estão em seu *site*, isso inclui *Pedagogia do Oprimido*, e que não possui o contato do tradutor Jorge Mellado, o qual apresentarei mais adiante (seção 3.2). Neste momento da análise, já surge a primeira referência à teoria e podemos citar Lefevere (2007) e o sistema de “mecenas”, que apresentei na seção 2.2. As grandes editoras atuando como mecenas do sistema, o tradutor fazendo parte desse sistema ao depender da editora para ter sua identidade conhecida e a editora como controladora desse sistema ao deter a informação apenas para si. Identificamos aqui a patronagem indiferenciada, pois a editora nos mostra ser a controladora dos componentes ideológicos, econômicos e de *status*.

De posse desses dados, identifiquei que há mais de uma tradução para todos os idiomas mencionados, exceto para o japonês, que possui apenas uma tradução publicada identificada por mim, ou seja, uma edição. É notável também que há uma quantidade muito maior de traduções da obra para o inglês e para o espanhol. Darei destaque a essas publicações por serem aquelas que estão disponíveis em maior quantidade, ou seja, possuem um número maior de edições.

Mesmo estando em domínio público, não é tarefa fácil encontrar as capas das edições estrangeiras. Esse foi um dos motivos pelos quais escolhi me ater às edições em inglês e espanhol, além da quantidade de edições. Desde esse ponto já faço uma análise para decidir por focar nas capas das edições em inglês e espanhol. Por serem as capas em maior quantidade e com maior número de edições, reimpressões e reedições anunciadas, posso inferir que são essas as culturas-alvo que mais procuram por Paulo Freire. Ou seja, enquadrando a análise no contexto sistêmico de Lambert e van Gorp (2011), apresentado na seção 2.7, essas traduções possuem uma posição diferenciada no contexto sociocultural estrangeiro dessas duas culturas-alvo (língua inglesa e língua espanhola). Essa constatação já era de se esperar por serem esses dois polissistemas (língua inglesa e língua espanhola) hegemônicos. Conforme discutimos na seção 2.3, os polissistemas são resultados da pesquisa e serão determinados pelo pesquisador. A Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar parece fundamental para observar a dinâmica das traduções da obra *Pedagogia do Oprimido* e seu alcance. Ela permitiu a sistematização da análise e a definição dos polissistemas a serem estudados. De acordo com essa introdução à análise, fica claro, devido aos dados já obtidos, que os polissistemas de língua inglesa e espanhola por serem hegemônicos, conseqüentemente, são os que ocupam posição central dentro da presente pesquisa se apresentando em maior quantidade de dados para análise.

### 3.1 Capas das versões da *Pedagogia do Oprimido* em inglês

Em inglês, não encontrei as capas de todas as publicações listadas no Projeto Memórias – Paulo Freire e na obra de Moacir Gadotti (1996), por isso trago sete capas e uma quarta capa de versões da *Pedagogia do Oprimido* (aquelas que encontrei). A partir delas é possível fazer uma análise dos dados preliminares e chegar a conclusões iniciais sobre a obra de Paulo Freire e sua relevância em língua inglesa.

As duas primeiras capas apresentadas página 50 são publicações da Editora Penguin, a primeira (Figura 2) não teve a data identificada, já a segunda (Figura 3) é datada de 1996. Percebemos que a capa possui tanto aspectos tipográficos como ilustrativos e que de uma edição para a outra sua identidade visual não sofreu grandes mudanças, apenas algo que podemos chamar de atualização. Os elementos da capa são os mesmos nas duas edições, apenas há uma mudança nas cores e na disposição das informações. Na capa aparentemente mais recente (Figura 3), há uma indicação de edição revisada. Ambas trazem apenas o nome do autor (Paulo Freire) com destaque e nenhuma informação que faça o leitor identificar que o livro seja uma tradução.

Sobre a editora, a Penguin não é uma editora universitária, mas é uma editora de grande porte. Trata-se de uma editora britânica que revolucionou a década de 1930 com as publicações de livros de bolso. Ganhou destaque nessa década pela publicação de livros que abordavam assuntos importantes para a sociedade e durante a Segunda Guerra Mundial foi a responsável pelas publicações de manuais usados por civis e militares para reconhecimento de aviões inimigos. No Pós-Guerra iniciou o selo com maior força até hoje: a Penguin Classics, que publicava os clássicos da literatura.<sup>16</sup> Hoje, esse selo é publicado também em língua portuguesa. Em 2009, a editora comprou parte da Companhia das Letras e passou a esta última a tarefa de publicar a Penguin Classics no Brasil<sup>17</sup>, fazendo a Penguin Books se tornar a primeira editora de língua inglesa a publicar clássicos em português. Em 2012, houve uma fusão entre a Penguin Books e a Random House criando a Penguin Random House<sup>18</sup>, hoje a maior editora do mundo. Após esse movimento no mercado internacional, a Penguin Random House, que já domina o mercado de publicações em língua inglesa, começou um movimento importante para o mercado de livros do mundo. Em 2014, comprou o grupo Santillana

---

<sup>16</sup> Breve história da Editora Penguin disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Penguin\\_Books](https://pt.wikipedia.org/wiki/Penguin_Books).

<sup>17</sup> <http://www.companhiadasletras.com.br/destaques/penguin.php>

<sup>18</sup> Mais informações em: <http://br.reuters.com/article/businessNews/idBRSPE89S01Z20121029>

Ediciones Generales<sup>19</sup>, que é uma das maiores editoras no ramo de publicações de interesse geral em língua espanhola. Portanto, a Penguin Random House insinua pretender dominar também o mercado de publicações em língua espanhola. Além disso, passa a ser responsável pela Editora Objetiva (brasileira) que fazia parte do grupo Santillana. Nota-se que a Penguin Random House está fazendo movimentos importantes no mercado editorial mundial e isso inclui ter participação e controle do mercado editorial brasileiro de publicações de interesse geral. Com efeito, a compra de uma editora por uma *holding* ilustra um acontecimento cada vez mais comum nos Estados Unidos, onde o mercado editorial “está velozmente se transformando em uma pequena parcela do conjunto da indústria de comunicações” (Schiffrin, 2006, p.20) e a lista de editoras independentes é cada vez menor (p.15), o que vem dificultando ainda mais a publicação de obras estrangeiras traduzidas. Interessadas, principalmente, no lucro, as *holdings* têm pressa em atingir um grande público-leitor (p.28), algo que nem sempre as traduções estão fadadas a alcançar, especialmente nos Estados Unidos.

Figura 2 — Capa Editora Penguin (data não identificada).

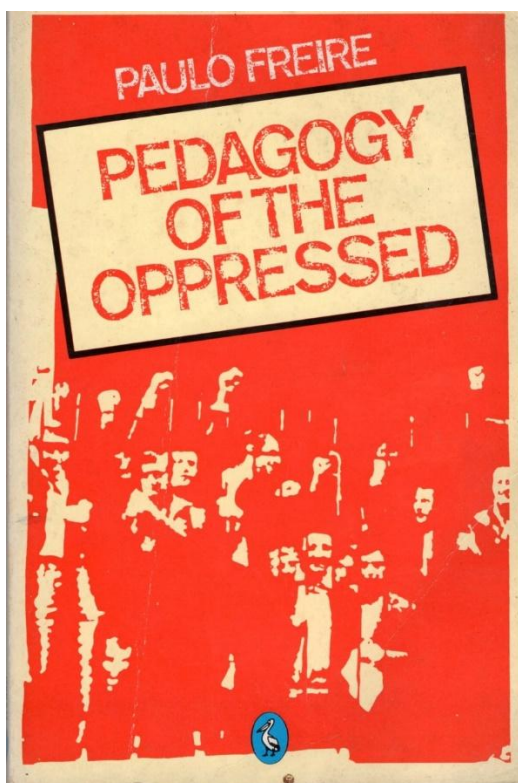
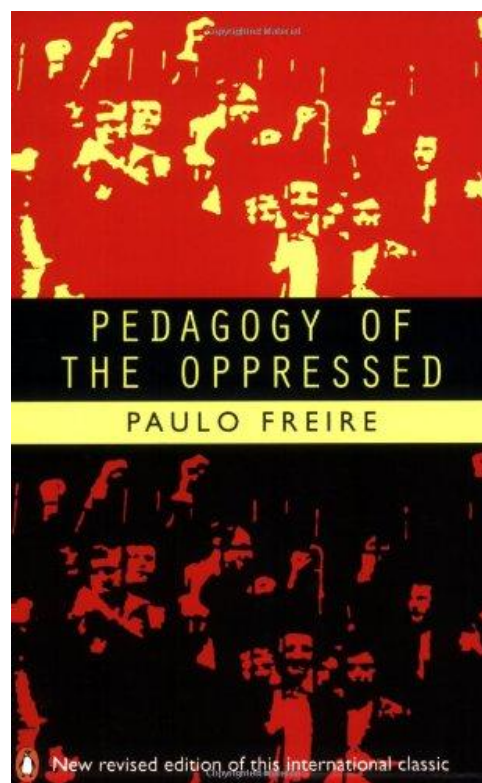


Figura 3 — Capa Editora Penguin (1996).

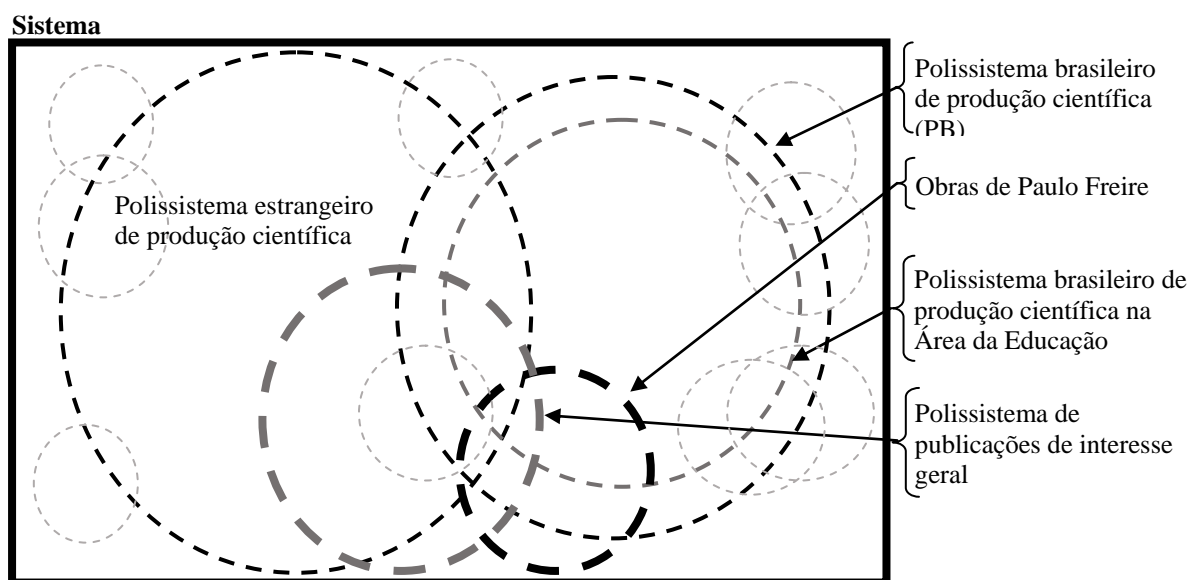


<sup>19</sup> <http://www.valor.com.br/empresas/3486146/penguin-compra-espanhola-santillana-e-assume-editora-objetiva>

A partir dessa contextualização, identifica-se que Paulo Freire conseguiu extrapolar a condição de autor de produção científica e entrar em um seletivo grupo de autores publicados por uma editora estrangeira. Considero seletivo esse grupo porque a Penguin Random House tem mostrado mais atualmente, a partir do ano 2009, um interesse em publicar em português e autores brasileiros, porém de interesse geral (por exemplo: clássicos da literatura brasileira, Paulo Coelho, Socorro Acioli – publicações de textos literários de interesse geral) e Paulo Freire não se encaixa nesse grupo. Conforme já foi apontado no presente trabalho, Paulo Freire faz parte do grupo de publicações científicas da área da Educação e desde 1972, como veremos na Tabela 5, ao final desta seção, ele é interesse da Penguin Random House, que na época da publicação era ainda Penguin Books.

Conforme discutido na seção 2.3, tendo em vista que os sistemas são permeáveis entre si e que as posições central e periférica são intercambiáveis, é possível inferir, a partir dos desdobramentos acima apontados, que Paulo Freire ocupa posição central não apenas no polissistema de produção científica, mas exerce um papel inovador, incluindo-se também em um grupo de produção de interesse geral. A Penguin Books não possuía catálogo voltado para área de educação, a partir do que pude observar durante minhas buscas, e a Penguin Random House também não apresenta esse tipo de catálogo. Isso me permite inferir que a escolha por publicar Paulo Freire faz com que a editora insira esse autor em um grupo diferente do grupo de produção científica, permitindo a ele um público voltado para outros interesses de leitura. Analisando dessa forma, a Figura 1, elaborada na seção 2.3 do presente trabalho, precisaria sofrer alterações e sugiro um novo diagrama na Figura 4, na próxima página.

Figura 4 – Diagrama do Sistema Cultural que engloba os Polissistemas de Produção Científica Estrangeiro e Brasileira e as Obras de Paulo Freire extrapolando o Polissistema de Produção Científica e passando a fazer parte de outros Polissistemas, como o Polissistema de publicações de interesse geral.



As próximas duas capas que trago para o presente trabalho possuem uma história um pouco diferente das capas anteriormente apresentadas. A capa da Figura 5 é da Editora Continuum (que foi uma editora de livros acadêmicos) e apresenta apenas aspectos tipográficos e jogo de cores, não traz nenhuma ilustração. Porém, ela apresenta recortes de opiniões sobre o livro, sendo um de Ivan Illich<sup>20</sup> e outro de Jonathan Kozol<sup>21</sup>. A editora, portanto, chama atenção para quem fala sobre o livro e o que fala; o que confere um valor positivo à obra, gerando *status* de acordo com as críticas que recebe, o que vimos na seção 2.2. Isso indica que a editora está dando espaço para outro patrono (LEFEVERE, 2007) nesta publicação, além dela mesma. A crítica é uma estrutura de poder que confere valor à tradução, validando-a ou não no mercado. Nesse caso, por ser uma crítica positiva e que enaltece o autor e sua obra, a editora concede a ela um espaço e divide a patronagem para aumentar o *status* da obra traduzida e objetiva com isso alcançar um maior público-leitor através da opinião de nomes importantes e valorados na área da educação.

<sup>20</sup> Filósofo austríaco respeitado e renomado que discutia a institucionalização da educação nas sociedades contemporâneas e publicou alguns livros com Paulo Freire. Os dois eram parceiros na luta pela educação.

<sup>21</sup> Escritor americano, educador e ativista, conhecido por seus livros de educação pública nos Estados Unidos. Premiado e respeitado, principalmente, nos Estados Unidos e na Europa.

A Figura 6 mostra uma edição de 1993 com características semelhantes à publicação da Figura 5, também da editora Continuum. Vê-se que foi alterada apenas a ordem em que aparecem os trechos das críticas e inseridas duas informações: quantidade de cópias vendidas e referência à uma nova revisão da edição de aniversário de vinte anos. A edição de 1993 é uma edição comemorativa aos vinte anos da publicação da obra (primeira publicação em inglês é datada de 1970).

Figura 5 — Capa da edição de 1986 pela Editora Continuum.

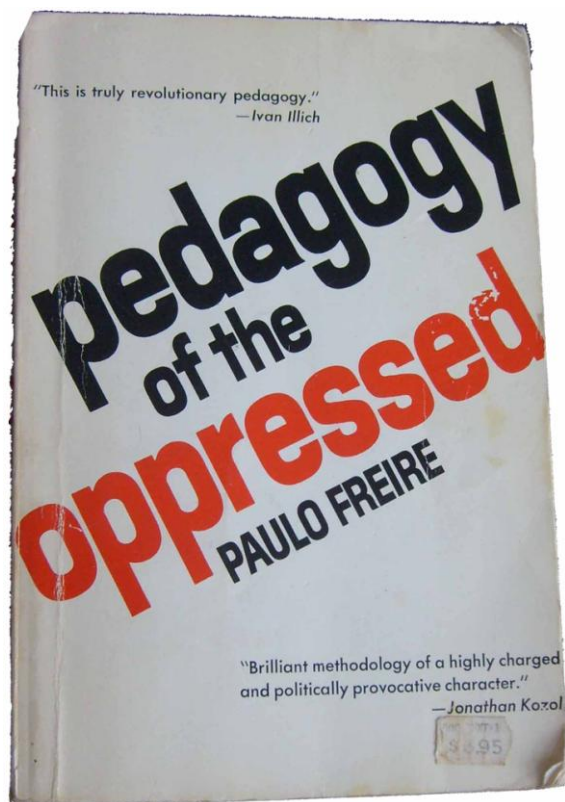
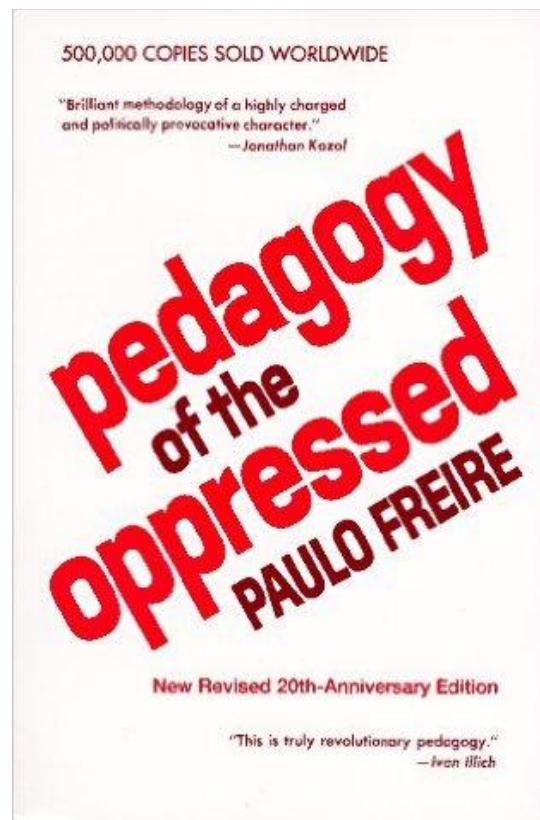


Figura 6 — Capa da edição de 1993, comemorativa aos vinte anos da obra, Editora Continuum.



As próximas duas capas trazidas para o presente trabalho são versões distintas da edição comemorativa aos trinta anos da obra (ano 2000). Ambas as capas (Figuras 7 e 8) apresentam aspecto mercadológico de *best-seller* quando trazem as frases: “750.000 COPIES SOLD WORLDWIDE” e “OVER A MILLION COPIES SOLD”. A Editora Bloomsbury também não se restringe à área científica e comprou a Editora Continuum em 2009. É uma editora com publicações em todo mundo de ficção e não-ficção e tem seu grande crescimento atribuído à série *Harry Potter* e, a partir de 2008, ao desenvolvimento da área de publicações acadêmicas e profissionais (fato posterior às publicações das Figuras 7 e 8). Sobre a capa da

Figura 7 posso afirmar ser a do ano 2000 porque traz a informação de aniversário de trinta anos da obra. Já a capa da Figura 8 não indica ser edição comemorativa da obra, porém é encontrada em *sites* de venda de livros como sendo a edição do ano 2000. Ambas destacam a questão da quantidade de cópias vendidas e que o livro contém uma introdução escrita por Donaldo Macedo<sup>22</sup>. A primeira traz a referência ao aniversário de trinta anos da obra e a segunda traz o nome da Editora Bloomsbury.

Figura 7 — Capa da edição de 2000 pela Editora Bloomsbury (versão 1), comemorativa aos trinta anos da obra.

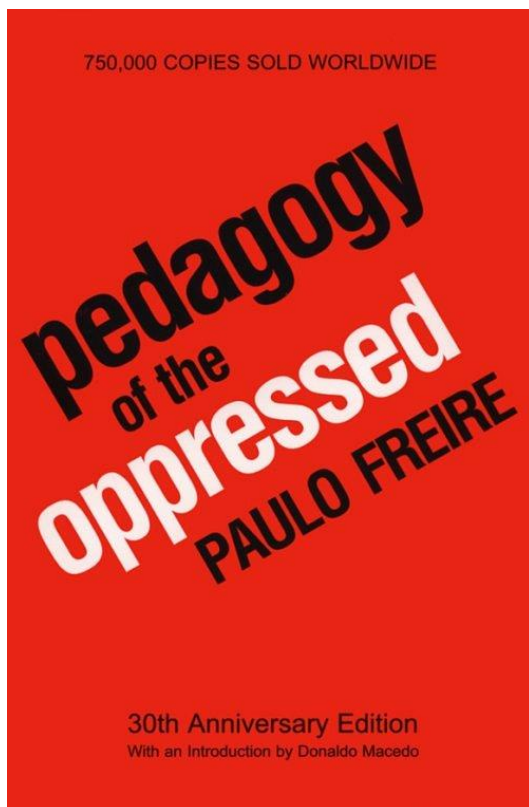
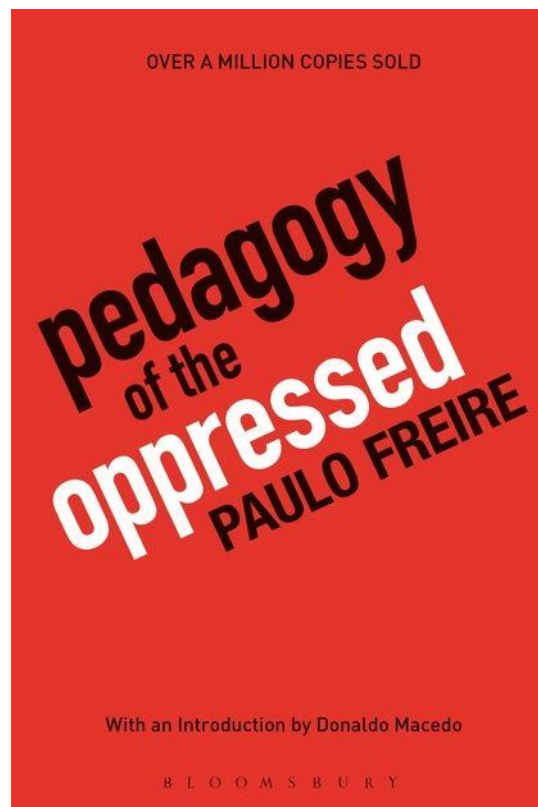


Figura 8 — Capa da Edição de 2000 pela Editora Bloomsbury (versão 2), comemorativa aos trinta anos da obra.



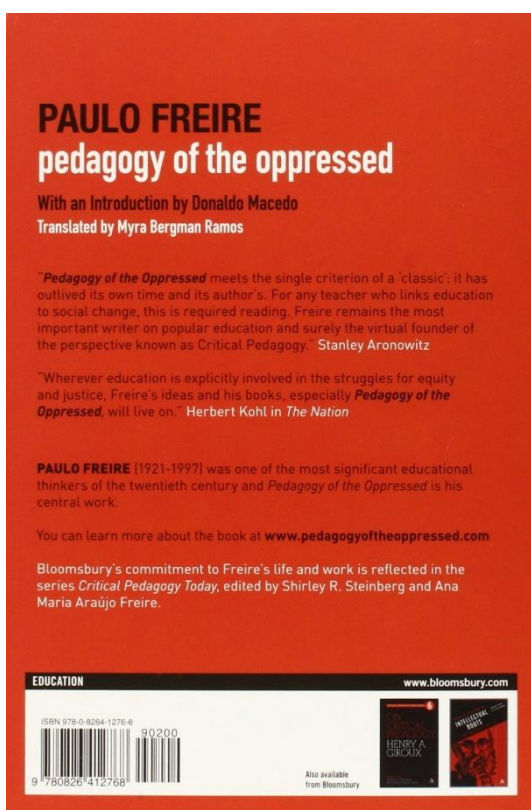
A sétima figura que trago ao presente trabalho é a quarta capa, aparentemente, da edição do ano 2000. Apresento apenas esta quarta capa porque foi a única que consegui durante minha busca. Como leitores que somos, sabemos que ao chegar a uma livraria, quando ainda não temos o livro já escolhido, o que primeiro nos chama atenção nas prateleiras e vitrines é a capa do livro. Porém, sempre que pegamos esse livro nas mãos, após

<sup>22</sup> Professor da University of Massachusetts, Boston, é um dos principais tradutores de Paulo Freire nos Estados Unidos. Publicou em parceria com Paulo Freire o livro *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra* (GADOTTI, 1996, p.200). É considerado o tradutor chefe de Paulo Freire ([https://www.umb.edu/academics/cla/faculty/donaldo\\_macedo](https://www.umb.edu/academics/cla/faculty/donaldo_macedo)).



ler a capa, onde esperamos descobrir o título, o autor e a editora, o viramos e damos atenção ao verso da capa (quarta capa ou contracapa). Nesse local esperamos encontrar um resumo do livro ou algumas palavras que nos deem a dimensão do que seja a obra. E a Figura 9 nos traz um pouco mais do que isso. Podemos observar que o nome de Paulo Freire e o título da obra ainda são os que mais recebem destaque. Porém, aparece uma informação nova e importante: a indicação de que o livro é uma tradução e o nome do tradutor. É a primeira vez, na análise das capas e da única quarta capa da *Pedagogia do Oprimido* em inglês, que surge essa informação. A tradutora desta edição é Myra Bergman Ramos, sobre a qual não encontrei muitas informações além do fato, de acordo com Gadotti (1996), de ela ter sido tradutora de outras edições desse livro (edições dos anos 1970, 1972 e 1974) e de outros livros de Paulo Freire (*Educação como prática da liberdade* e *Educação para a consciência crítica*).

Figura 9 — Quarta capa da edição de 2000 pela Editora Bloomsbury.



Mesmo havendo a informação sobre o fato da publicação ser uma tradução e o nome da tradutora, o destaque dado à profissional e ao fato do texto ser uma tradução é menor do que o destaque dado ao autor, ao título da obra, aos prefaciadores e aos aspectos gerais como, por exemplo, à quantidade de cópias vendidas ou ao fato de ser uma edição comemorativa. Esses dados mostram o que Venuti (2002) já nos apontava: “a tradução é degradada pelos

conceitos dominantes de autoria” (p.11). Apesar de informar que a publicação é uma tradução, outros dados recebem maior destaque por parte da editora. É ela, a patronagem, que determina a valoração de qualquer informação sobre a publicação (v. seção 2.5). Mesmo que todas as outras informações dependam do processo de tradução para existir, e portanto do tradutor, não necessariamente é dado a ele o destaque esperado.

Outras informações que podemos obter através desta quarta capa (Figura 9) são trechos de Stanley Aronowitz<sup>23</sup> e Herbert Kohl<sup>24</sup> de críticas à obra. Mais uma informação é sobre o autor: “Paulo Freire (1921-1997) foi um dos pensadores educacionais mais significativos no século XX e *Pedagogia do Oprimido* é o seu trabalho central” (tradução minha). A editora, então, mostra a importância desse autor e de sua obra para os leitores; podemos considerar uma breve apresentação de Paulo Freire ao público-leitor de língua inglesa. Além disso, há uma mensagem sobre o compromisso da editora com a vida e a obra de Paulo Freire: “O compromisso da Bloomsbury à vida e à obra de Freire é refletido na série *Pedagogia Crítica Hoje*, editada por Shirley R. Steinberg e Ana Maria Araújo Freire” (tradução minha). Ou seja, a editora possui outras traduções de outras obras de Paulo Freire. Isso indica, além de uma importância dada ao autor, que há um público-leitor interessado nele e por isso houve necessidade de se editar uma série com traduções de livros desse autor. Há indicação também, ao final da quarta capa, de outros livros que compõe uma série sobre Educação, mostrando que a editora possui uma área reservada à publicação desse ramo.

Nesta quarta capa podemos perceber que outros tipos de patronagem nos são apresentados. A editora divide a patronagem com críticos acadêmicos e editoriais, colocando a universidade e o mercado editorial como patronos dessa publicação. Além disso, o próprio autor pertence a esse grupo e é também patrono da publicação a partir do momento em que a ênfase a seu nome e à sua biografia e bibliografia são informações em destaque. Como dizemos no mercado de livros, Paulo Freire é um autor que se vende, ou seja, o nome dele já é suficiente para que a obra tenha um público-leitor e se torne atraente a esse público. Ainda nesta quarta capa (Figura 9), há uma indicação de um *site*<sup>25</sup> no qual o leitor poderá encontrar

---

<sup>23</sup> Professor de Sociologia e Educação na City University de Nova York (<http://www.stanleyaronowitz.org/new/about>). Um dos incentivadores de Paulo Freire para a escrita da obra *Pedagogia da Esperança* (GADOTTI, 1996, p.370).

<sup>24</sup> Editor da revista *Hungry Mind Review – a midwestern book review*. In: *Hungry Mind Review*, nº 13, março de 1990, p.24-25 (GADOTTI, 1996, p.611).

<sup>25</sup> *Site* com mais informações sobre a obra *Pedagogy of the Oppressed*: <http://www.pedagogyoftheoppressed.com>

mais informações sobre o livro. Portanto, podemos inferir que a edição comemorativa aos trinta anos da obra gerou um *site*.

Houve também uma edição comemorativa aos quarenta anos da obra, publicada em 2010. Não encontrei a capa para trazer à discussão. Pela pesquisa encontrei em *sites* de venda de livros uma capa idêntica à capa da publicação de 2000, mas não indicava ser a publicação de 2010.

Se acessarmos o *site* indicado na quarta capa da edição de 2000 (Figura 10), encontraremos referência ao aniversário de quarenta anos da obra, ou seja, à edição de 2010. Portanto, não tenho como afirmar se a quarta capa trazida ao presente trabalho é realmente da edição do ano 2000 ou se o *site* é atualizado de acordo com as publicações que são feitas. O *site* pode ter sido criado para a edição do ano 2000 e depois atualizado para a edição do ano 2010 ou a quarta capa pode ser, na verdade, da edição do ano 2010 e não da edição do ano 2000.

Figura 10 — Página inicial do *site* comemorativo aos quarenta anos da publicação da obra *Pedagogy of the Oppressed*.



Através do *site* (Figura 10), podemos inferir que a capa da edição comemorativa aos quarenta anos da obra (edição do ano 2010) deve ser idêntica às capas das Figuras 7 e 8. Esse *site* traz informações sobre a obra e Paulo Freire, mas não seu texto. O nome que recebe destaque, além de Paulo Freire, é Donald Macedo (quem fez a introdução à obra) e no *site* há

um *link* com seu texto. Mais uma vez confirmamos a importância dada pela editora a Donaldo Macedo, indicando a força da patronagem da universidade norte-americana.

Pude constatar, por meio de pesquisas, que a Editora Bloomsbury comprou a editora Continuum e esta última é hoje um selo da primeira voltado para publicações nas seguintes áreas<sup>26</sup>: lexicologia, história e teoria da arte, estudos literários, literatura contemporânea, filosofia, estudos de teatro. A meu ver, a obra *Pedagogia do Oprimido* não se enquadra nessas áreas. Posso inferir que, por ter sido publicação da editora Continuum, quando comprada pela Bloomsbury se manteve no selo Continuum. E, portanto, arrisco dizer que o projeto de interesse do grupo editorial é Paulo Freire e não a área da educação.

Chego então à última capa de versão em inglês (Figura 11), localizada na próxima página, que será apresentada no presente trabalho. Essa capa foi encontrada em um *site* de uma distribuidora voltada para publicações sobre direitos humanos, justiça social e democratização, a *IHRC Bookshop*<sup>27</sup>. É uma publicação sem data divulgada, feita pela *Citizens International*. Achei interessante trazer essa publicação porque a *Citizens International* (CI) é uma espécie de ONG, localizada na Malásia, que se esforça para ser uma iniciativa global dedicada a fomentar a sensibilização, o ativismo e a defesa para os povos oprimidos de todo o mundo. A *IHRC Bookshop* é o distribuidor exclusivo no hemisfério ocidental de livros da *Citizens International*.

No site da *IHRC Bookshop* há uma listagem com as 53 publicações da CI<sup>28</sup> e dentre elas apenas duas são de autor brasileiro. Autor no singular porque apenas Paulo Freire é publicado pela CI (*Pedagogy of the Oppressed* e *Pedagogy of the Indignation*).

É interessante observar que uma organização estrangeira concebida como iniciativa global para promover a consciência, o ativismo e a defesa de questões que são centrais para a estabilidade e o bem-estar da humanidade no início do século XXI<sup>29</sup>, tenha como uma de suas obras *Pedagogia do Oprimido*. E isso se torna interessante porque amplia o alcance da obra de Paulo Freire, que extrapola o campo da Educação e chega ao campo de políticas públicas contra repressão e engajadas na luta pelos direitos humanos, além de apresentar para a pesquisa um novo tipo de patronagem. Não apenas editoras voltadas para o mercado editorial e para o lucro, mas também organizações voltadas para políticas públicas e questões

---

<sup>26</sup> <http://www.bloomsbury.com/author/continuum/>

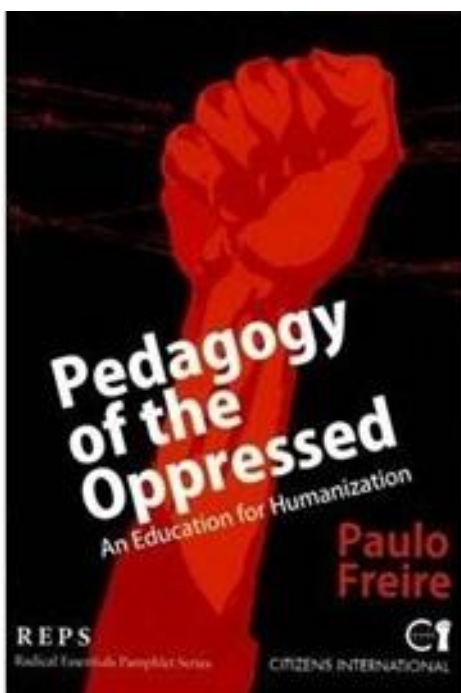
<sup>27</sup> <http://shop.ihrc.org>

<sup>28</sup> <http://shop.ihrc.org/citizens-international?pagenumber=1>

<sup>29</sup> Mais informações sobre a CI estão disponíveis em: [http://www.citizens-international.org/ci2012/?page\\_id=7](http://www.citizens-international.org/ci2012/?page_id=7).

humanitárias têm Paulo Freire como objeto de consumo e divulgação. Essa seria uma outra forma de patronagem, pois a organização está utilizando o poder do autor naquele determinado tema para alcançar seu público. Novamente vejo Paulo Freire dividindo esse lugar de patrono com a organização que trabalha em sua tradução e publicação. E novamente, conforme apontado no início desta seção através da Figura 4, assume um papel inovador ao sair do Polissistema de produção científica na área da educação inicialmente previsto como seu lugar na rede do sistema cultural. Ele agora abrange o polissistema de políticas públicas, o que apenas comprova aquilo que Carvalho (2005) define como sistema e que foi apresentado na seção 2.3: “rede de relações que pode ser tomada como hipótese para um determinado conjunto de supostos observáveis” (p.30).

Figura 11 — Capa da versão em inglês da *Pedagogia do Oprimido* publicada pela *Citizens International*.



A capa da Figura 11 é uma das capas mais fortes vistas até o momento no presente trabalho, pois traz como imagem e maior destaque um braço levantado com a mão fechada. Essa capa é uma reprodução da capa da publicação feita na Indonésia (Figura 12). Temos a mão fechada como o braço levantado como um espécie de soco. Na capa da Figura 12 isso fica mais claro porque há também algo sendo quebrado por esse braço que se levanta, algo que podemos dizer ser o nosso planeta. É uma imagem forte que traz a ideia da obra por meio de uma só figura. A ideia de reagir à opressão com sua força e quebrar barreiras.

Figura 12 — Capa da edição publicada na Indonésia.



Após todas essas observações, apresento na Tabela 5 um resumo das publicações encontradas em inglês no período de 1970 a 2010. As edições dos anos 1993, 2000 e 2010 são edições comemorativas aos vinte, trinta e quarenta anos da publicação da obra em inglês, respectivamente. Essa tabela contribui para os estudos da obra *Pedagogia do Oprimido* em língua inglesa, atualizando a lista de publicações até os dias de hoje. É preciso informar que não encontrei todas as capas das edições que estão listadas na Tabela 5 e só trouxe ao presente trabalho as capas encontradas.

Haverá na Tabela 5, além de publicações não discutidas e apresentadas ao longo desta análise, editoras também não apresentadas, são elas: Seabury Press<sup>30</sup>, Herder and Herder, Methuen Publications<sup>31</sup> e Rappas. A primeira (Seabury Press) é uma editora religiosa e não é mais possível encontrar a tradução da obra de Paulo Freire em seu *site*. Foi uma edição realizada no ano 1970, ou seja, uma das primeiras publicações da *Pedagogia do Oprimido* e a provável porta de entrada de Paulo Freire no mercado editorial norte-americano. Provável porque há outra publicação neste ano e, por questões de ordem prática, não foi possível descobrir qual foi a primeira. Em 1969, Paulo Freire foi convidado a lecionar nos Estados Unidos e a trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas, foi professor convidado da Universidade de Harvard. Isso indica o motivo do interesse de uma editora religiosa em ter

<sup>30</sup> Site da editora: <http://www.episcopalchurch.org/library/glossary/seabury-press>

<sup>31</sup> Site da editora: <http://www.methuen.co.uk/>

em seu catálogo Paulo Freire. Além do seu prestígio na academia norte-americana, ele fazia parte do Conselho Mundial das Igrejas.

Em Santiago, ao lado de sua família, iniciou, como tantos outros brasileiros que no Chile tiveram asilo político, uma nova etapa de sua vida e de sua obra. Neste país viveu de novembro de 1964 a abril de 1969, trabalhando como assessor do Instituto de Desarrollo Agropecuario e do Ministério da Educação do Chile e como consultor da UNESCO junto ao Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agraria do Chile. Nessa ocasião **foi convidado também para lecionar nos Estados Unidos e trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas**. Atendeu aos dois convites.

De abril de 1969 a fevereiro de 1970 morou em Cambridge, Massachusetts, dando aulas sobre suas próprias reflexões na Universidade de Harvard, como Professor Convidado. Em seguida, mudou-se para Genebra para ser Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. (GADOTTI, 1996, p.42, meu grifo)

A segunda editora é a Herder and Herder sobre a qual só encontrei a informação de que foi comprada pelo grupo Bloomsbury Publishing, assim como a Continuum; é possível que tenha sido uma editora religiosa também devido ao seu nome. O ano de publicação é também 1970, ano em que Paulo Freire começa a fazer parte do já citado Conselho Mundial das Igrejas.

A terceira é a Methuen Publications, uma editora britânica que iniciou seus trabalhos com publicações acadêmicas e depois ampliou seu catálogo para publicações de interesse geral. Tem sua marca por ter sido a editora das versões em inglês da série *As Aventuras de Tintin*. E por último, a editora Rappas sobre a qual não encontrei nenhuma outra informação além de ser uma editora grega localizada em Atenas.

Tabela 5 — Lista das publicações em inglês da obra *Pedagogia do Oprimido* organizada quanto à data e à editora de 1970 a 2010. (continua)

Ano da publicação	Editora	Apontamentos
1970	Seabury Press	Editora religiosa
1970	Herder and Herder	Editora foi comprada grupo Bloomsbury Publishing
1972	Herder and Herder	Editora foi comprada grupo Bloomsbury Publishing
1972	Penguin Books	Editora de best-sellers
1972	Methuen Publications	Não foram encontrados dados sobre a editora
1974	Rappas	Não foram encontrados dados sobre a editora

(continuação)

1980	Seabury Press	Editora religiosa
1980	Herder and Herder	Editora foi comprada grupo Bloomsbury Publishing
1993	Continuum	Editora foi comprada grupo Bloomsbury Publishing
2000	Continuum	Editora foi comprada grupo Bloomsbury Publishing
2010	Bloomsbury Publishing	Editora de publicações de interesse geral

### 3.2 Capas das versões da *Pedagogia do Oprimido* em espanhol

Em espanhol, trago sete capas de traduções da *Pedagogia do Oprimido*. A partir delas, conforme feito com as capas das versões em inglês, também é possível fazer uma breve análise dos dados preliminares e chegar a algumas conclusões sobre a obra de Paulo Freire e sua relevância em língua espanhola.

No caso das três primeiras capas que apresento (Figuras 13 a 15), não consegui identificar o ano de publicação. É possível notar que todas são publicações da mesma editora (Siglo XXI) e trazem os mesmos aspectos para confecção das capas, são eles: nome de Paulo Freire em destaque, título do livro, nome da editora e imagem ilustrativa que sempre faz referência ao termo “oprimido”.



Figura 13 — Capa de edição em espanhol pela Editora Siglo XXI sem data identificada.

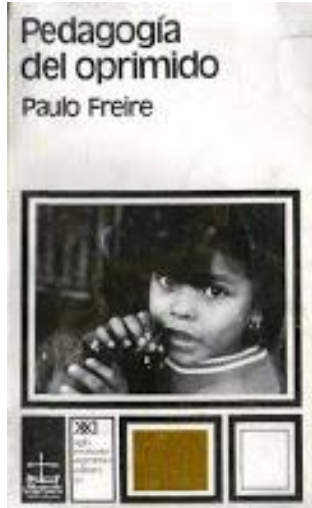


Figura 14 — Capa de edição em espanhol pela Editora Siglo XXI sem data identificada.

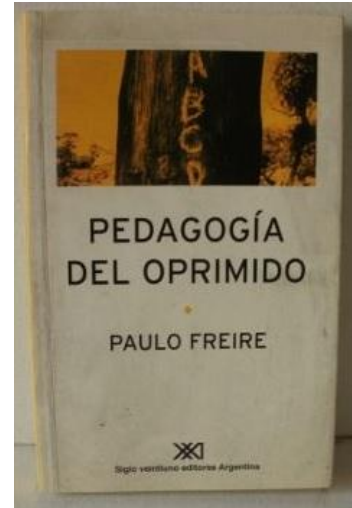
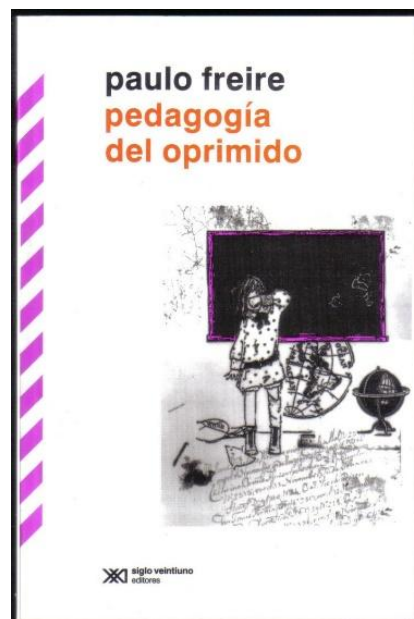


Figura 15 — Capa de edição em espanhol pela Editora Siglo XXI sem data identificada.



É preciso destacar nesse momento o poder que a editora exerce sobre Paulo Freire quando estamos focando a língua espanhola. Diferentemente do que vimos na seção anterior com as publicações em língua inglesa, quando falamos em versões para o espanhol da *Pedagogia do Oprimido* só estamos falando da editora Siglo XXI. Isso configura a editora como patrono único de Paulo Freire na língua espanhola. Ainda é visível que a patronagem é dividida com o próprio autor, pois seu nome é um forte veículo em todas as capas que veremos a seguir.

Na Figura 13, temos a imagem de uma criança com semblante assustado, ela está com algo nas mãos levando à boca e insinuando um movimento de mastigação desse objeto. Na Figura 14, temos um tronco de árvore com letras do alfabeto talhadas. Podemos inferir, por exemplo, que essa imagem faz referência às pessoas que não possuem acesso às escolas, que têm seu direito à educação oprimido. Já na Figura 15, a imagem me parece mais complexa. Temos um quadro negro, um mapa-múndi, um globo terrestre, palavras escritas de difícil identificação, mas acredito que façam referência à figura de um texto, e uma menina com os pés amarrados em uma espécie de âncora. Essa ilustração é, entre as três capas apresentadas até o momento, a mais complexa e a que, a meu ver, transmite ao leitor a mensagem mais clara sobre opressão.

Percebo que nessas três primeiras capas, a ilustração e o nome do livro possuem a mesma relevância. Posso dizer isso devido ao tamanho que cada um ocupa nas capas, são elementos que recebem o mesmo destaque. Já na capa da Figura 15 há uma modificação: o nome do autor recebe também o mesmo destaque, pois está com o corpo idêntico ao corpo do título do livro; o que os diferencia é a cor (nome do autor em preto e título do livro em laranja). As capas anteriores traziam o nome do autor num corpo menor do que o título do livro.

As próximas três capas que apresento, nas páginas 66 e 67, (Figuras 16 a 18) também são publicações da Editora Siglo XXI. Todas essas são datadas e uma delas possui duas datas de publicação, o que indica que tenha sido reimpressa em ano posterior (e por isso a capa deve ser mantida) ou que tenha sido feita uma nova edição com manutenção da capa. Acredito que a segunda hipótese seja a mais correta, pois quando há reimpressão não se pode identificar como nova edição, e nos sites de busca a publicação de 2007 é chamada de edição e não de reimpressão. Além disso, normalmente há o termo “reimpressão” na capa. O que pode ter havido também é a editora ter feito uma alteração ou um acréscimo sutil para chamar de nova edição. A partir dos meus conhecimentos como editora, posso dizer que o termo “nova edição” costuma ser mais valorizado no mercado editorial que o termo “reimpressão”. É um espécie de *status* dado à obra quando é necessária nova edição. Já a reimpressão indica que a tiragem inicial se esgotou e foi preciso imprimir mais livros.

Além da editora, as três capas têm em comum os aspectos gráficos, assim como as três primeiras capas apresentadas anteriormente. Todas possuem ilustrações ligadas ao título do livro, dão destaque ao nome de Paulo Freire e ao título e não apresentam informações sobre tradutores nem prefaciadores, como identificamos em algumas capas das edições em inglês. O

que indica que na cultura-alvo de língua espanhola, os editores não buscam o apoio de outros patronos como vimos nas publicações em língua inglesa. A diferença dessas três capas para as das Figuras 13 a 15 é o tipo de mensagem que a ilustração traz. As primeiras capas apresentadas traziam ilustrações se referindo à opressão (uma menina com semblante triste, letras talhadas em árvore, uma menina em sala de aula presa pelos pés). Agora, nessas outras três capas (Figuras 16 a 18), as ilustrações não indicam mais opressão. Nas Figuras 16 e 17 temos um grupo de pessoas reunidas conversando, dialogando. E na Figura 18 temos várias mãos segurando lápis. Mãos fechadas, como as apresentadas na seção 3.1 (Figuras 11 e 12). Enquanto nas Figuras 11 e 12 essas mãos estavam apenas fechadas indicando força ou rompimento com algo, agora (na Figura 18) elas estão levantando lápis, num movimento que podemos inferir ser de reação à opressão. É viável inferir ainda que os lápis são armas contra a opressão e indicam uma atitude não de uma única pessoa, mas sim de um povo (são várias mãos juntas, indicando várias pessoas). Percebemos também uma modernização na ilustração, com mais cores. O sobrenome do autor é escrito na cor rosa. Talvez isso seja um detalhe a mais para a questão da opressão, pois temos o rosa como cor direcionada ao público feminino. Então, pode-se entender que o editor quis romper com essa ideia e usar a cor rosa no sobrenome do autor justamente para demonstrar uma reação aos preconceitos ditados pela sociedade. Todos os paratextos contidos nessas capas são fundamentais para a análise, conforme indicamos na seção 2.6, pois nos permitem concluir as estratégias utilizadas para as escolhas do editor e seu porquê (assunto tratado na seção 2.5).

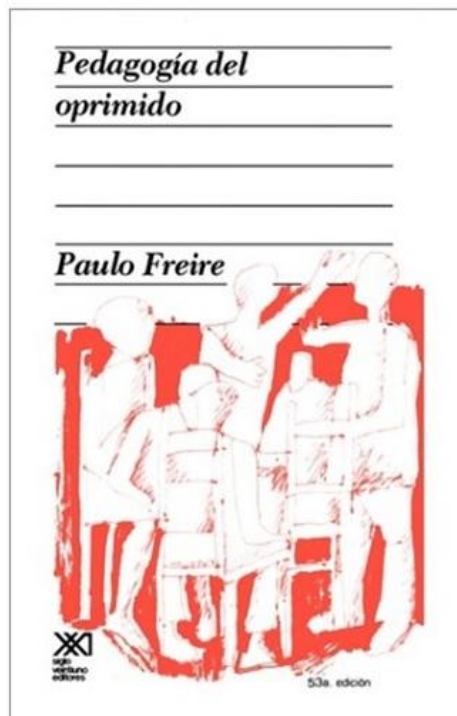
Destaco aqui a capa da Figura 17 que considero apresentar um dado importante para minha análise: 53ª edição. Considero esse dado relevante para o presente trabalho porque indica que há um público-leitor assíduo da *Pedagogía del Oprimido* em espanhol. Uma obra chegar à 53ª edição em um país que não seja o de origem do autor é algo a ser analisado. Nesse momento, identificamos uma informação que pertence à etapa do contexto sistêmico apontada por Lambert e van Gorp (2011, p.212) e apresentada na seção 2.7. Minha análise, seria apenas sobre os dados preliminares que o material coletado me apresentasse, mas, como vimos agora, o contexto sistêmico aparece durante a análise das capas das versões. A partir dessa informação, consigo compreender a posição da tradução no contexto sociocultural estrangeiro de língua espanhola. O que faz a obra de um autor ser editada 53 vezes em um país estrangeiro? Posso considerar que não há um estudioso da educação que preencha completamente as necessidades do público-leitor de língua espanhola e que Paulo Freire, com

a *Pedagogia do Oprimido*, consegue preencher essa lacuna, sendo, portanto, muito procurado por esses leitores.

Figura 16 — Capa da edição datada de 1975, apontada como edição de bolso.



Figura 17 — Capa da edição datada de 2000.



A Figura 19 (apresentada na próxima página) é a quarta capa das edições datadas de 2005 e 2007. É uma quarta capa previsível, pois traz elementos comuns a esse local do livro: apresentação primária da obra, nome do autor e da obra, código de barras (ISBN<sup>32</sup>), editora e ilustração continuativa à capa. Não traz nenhuma informação nova e não indica de quem é o texto que apresenta brevemente o livro (trata-se de um prefaciador, crítico ou do próprio editor?).

A última capa analisada para o presente trabalho (Figura 20, na página 68) é uma publicação também da Editora Siglo XXI e data de 2012, portanto a mais recente coletada. É importante destacar as informações contidas nessa capa: figura, nome de Paulo Freire, título, editora e edição (2ª edição). A imagem é bastante diferente das imagens das capas anteriores. Não é uma ilustração, mas sim uma fotografia. Como mencionado, é uma publicação recente, do ano de 2012, e tem como foto de capa um menino negro. Nota-se que houve uma

<sup>32</sup> Criado em 1967 e oficializado como norma internacional em 1972, o ISBN — International Standard Book Number — é um sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição. Mais informações em: <http://www.isbn.bn.br>.

atualização à referência ao termo “oprimido”, indicando que nos dias de hoje o negro é o oprimido. Novamente não há menção a tradutor, prefaciador ou mesmo ao fato de ser uma tradução.

Figura 18 — Capa das edições datadas de 2005 e 2007.



Figura 19 — Quarta capa das edições datadas de 2005 e 2007.



É curioso que no século XXI, ano de 2012, ainda se omita o nome do tradutor nas capas das versões para o espanhol da *Pedagogia do Oprimido*. Anos após o início da discussão sobre a invisibilidade do tradutor, essa é uma prática recorrente nas publicações atuais em língua espanhola, especialmente no caso da *Pedagogía del oprimido*. É surpreendente que a atuação da patronagem nesse aspecto não tenha sido alterada.

Das edições pesquisadas e trazidas para o presente trabalho, esta última (Figura 20) foi a única que, quando buscada em *sites* de venda de livros, trazia na ficha do livro o nome do tradutor (Figura 21). Por se tratar de um aspecto diferente do encontrado nas demais fichas das publicações apresentadas nesta pesquisa, achei importante trazê-lo. Importante também porque é na ficha do livro que o tradutor fica visível ao público-leitor e não na capa. O tradutor é Jorge Mellado. Não encontrei informações sobre ele além do fato de ter sido o tradutor das edições dos anos 1970 e 1973 (GADOTTI, 1996, p.262).

Figura 20 — Capa da edição datada de 2012.



Figura 21 — Imagem da tela de um *site* de venda de livros.

LIBROS > POLITICA, RELIGIÓN Y FILOSOFIA > PEDAGOGÍA > Pedagogía del oprimido

## PEDAGOGÍA DEL OPRIMIDO

Freire, Paulo



EDITORIAL	SIGLO XXI EDITORES
AÑO DE EDICIÓN	2012
MATERIA	PEDAGOGIA
ISBN	978-84-323-1621-0
EAN	9788432316210
PÁGINAS	192
ENCUADERNACIÓN	TAPA Blanda O Bolsillo
TRADUCTOR	Mellado, Jorge
IDIOMA	CASTELLANO

[g+1](#) [0](#)
[Twitter](#) [0](#)
[Me gusta](#) [0](#)

[http://www.imosver.com/es/libro/pedagogia-del-oprimido\\_9970010077](http://www.imosver.com/es/libro/pedagogia-del-oprimido_9970010077)

Vale apontar que algumas versões para o espanhol da obra *Pedagogia do Oprimido* recebem como editora a Tierra Nueva. Pelas buscas realizadas e pelos dados coletados, Tierra Nueva aparenta ser um selo da Editora Siglo XXI, até 1973. Após essa data não há mais referência à Tierra Nueva e somente aparece a Siglo XXI.

Apresento na Tabela 6 um resumo das publicações encontradas em espanhol no período de 1970 a 1993, dados retirados do Projeto Memória – Paulo Freire e de Gadotti (1996), e incluo as edições que encontrei dos anos 2000, 2005, 2007 e 2012. Essa tabela contribui para os estudos da obra *Pedagogia do Oprimido* em língua espanhola, atualizando a lista de publicações até os dias de hoje.

Tabela 6 — Lista das publicações em espanhol da obra *Pedagogia do Oprimido* organizada quanto à data e à editora de 1970 a 2012. (continua)

Ano da publicação	Editora
1970	Siglo XXI Editores
1970	Siglo XXI Editores – Tierra Nueva
1971	Siglo XXI Editores – Tierra Nueva
1973	Siglo XXI Editores – Tierra Nueva

(continuação)

1974	Siglo XXI Editores
1974	Siglo XXI Editores (Buenos Aires)
1974	Siglo XXI Editores (San José)
1975	Siglo XXI Editores (edição de bolso)
1978	Siglo XXI Editores (Madrid)
2000	Siglo XXI Editores
2005	Siglo XXI Editores
2007	Siglo XXI Editores
2012	Siglo XXI Editores

Percebemos que desde a década de 1970 é a Siglo XXI Editores quem publica Paulo Freire em espanhol. Essa editora possui foco principal em publicações da área de Ciências Sociais e Humanas, com aspiração para o debate público das grandes contribuições do conhecimento, que é a área em que Paulo Freire se insere. É válido apontar que a Siglo XXI é dividida em três: Siglo XXI da Espanha<sup>33</sup>, Siglo XXI da Argentina<sup>34</sup> e Siglo XXI do México<sup>35</sup>. A Siglo XXI da Espanha parece ser a sede, mas a responsável pelas publicações de Paulo Freire é a Siglo XXI da Argentina. Descobri isso através do contato com a sede da Espanha para saber mais detalhes sobre a relação da editora com as obras de Paulo Freire e, por *e-mail*, me orientaram a entrar em contato com o editorial da Argentina que seria o responsável por isso. Podemos dizer, então, que em espanhol Paulo Freire não é publicado por editoras de *best-sellers*, ele se mantém no polissistema de produção científica (justificado através das seções 2.1 e 2.3), diferentemente do que vimos nas publicações em inglês na seção anterior.

---

<sup>33</sup> <http://www.sigloxxieditores.com/>

<sup>34</sup> <http://www.sigloxxieditores.com.ar/>

<sup>35</sup> <http://www.sigloxxieditores.com.mx/>

### 3.3. Entendendo as escolhas do editor para as capas e quartas capas analisadas

O que nós vemos influencia como e o que entendemos. A informação visual comunica de modo não verbal, por meio de sinais e convenções que podem motivar, dirigir ou mesmo distrair o olhar do leitor, e todos os elementos visuais influenciam uns aos outros. Por isso, o projeto visual de um livro é uma ferramenta importante para a comunicação, e não apenas um elemento decorativo. O modo como se organiza a informação numa página pode fazer a diferença entre comunicar uma mensagem ou deixar o usuário confuso. (ARAÚJO, 2008, p.373)

Tudo o que foi analisado até o momento é decorrente do projeto visual das capas das publicações encontradas. A capa de um livro é dividida em: primeira capa, segunda capa, terceira capa, quarta capa (popularmente conhecida como contracapa), primeira orelha, segunda orelha, sobrecapa e lombada. A primeira capa é a que temos mais contato, é a frente da capa; a segunda capa é a face interna à primeira, e não contém informação; a terceira capa é face interna à quarta, e também não contém informação; a quarta capa é a face externa à terceira capa; a primeira orelha é a dobra da primeira capa; a segunda orelha é a dobra da quarta capa; a sobrecapa é o que conhecemos como luva (folha solta que envolve ou protege a capa); e a lombada é o dorso do livro e seu tamanho varia de acordo com a espessura do livro. Conhecendo então as partes que compõe a capa de um livro, atendo-me às partes que foram destacadas durante a análise: primeira capa (a qual chamo de capa apenas) e quarta capa.

Conforme aponta Araújo (2008), é através da capa que ocorre o contato inicial do leitor com o livro e, portanto, ela é considerada o elemento paratextual que deve receber maior atenção (p.435). Genette (2009) traz os componentes obrigatórios da capa: nome do autor, título da obra e selo do editor. Mas menciona também outros componentes que podem aparecer na capa, mas que não são obrigatórios: nome do tradutor, do prefaciador ou de algum responsável pelo estabelecimento do texto, dedicatória, epígrafe, retrato do autor, ilustração, título de coleção (caso se aplique), nome do responsável pela coleção, logotipo do editor, endereço do editor, número da edição, data, preço de venda (p.27-28).

A capa tem função publicitária. Voltando ao discurso de Genette (2009), iniciado na seção 2.6, a mais primordial propriedade de um paratexto é seu caráter funcional (p.358), e isso justifica as escolhas do editor para elaborar uma capa. A única regra a ser seguida para elaboração de uma capa é que o seu *design* se relacione com o estilo gráfico do livro (ARAÚJO, 2008, p.435); não temos como confirmar esse aspecto porque não tive contato com os livros, mas apenas com suas capas.



Voltando às capas que foram citadas e analisadas nas seções anteriores (3.1 e 3.2), é possível verificar que todas contêm os dados obrigatórios e que além destes a maioria contém um dado não obrigatório que é a existência de imagem. Isso não é um ponto comum a todas as capas, pois as capas das Figuras 5 a 8 não possuem imagens. Porém, essas últimas se voltam para a questão tipográfica e usam o título como imagem, na medida que chamam a atenção do leitor para ele mexendo em seu tamanho, cor e disposição na capa. Percebemos que essas últimas figuras trazem o título do livro com todas as letras em caixa baixa, ou melhor dizendo, em letras minúsculas. Mas, o nome do autor é grafado com todas as letras maiúsculas, ou em caixa alta. Nesse momento se infere que nem sempre é necessária a existência de uma imagem para passar alguma ideia ou algum recado ao leitor. A capa pode ter esse efeito também utilizando efeitos advindos da tipografia.

Ainda nesse ponto, vê-se que as capas das versões em espanhol seguem desde sempre um estilo: nome do autor, foto ou ilustração, nome do livro, selo editorial. Já as capas das versões em inglês se modernizam com o tempo: as mais antigas seguem o esquema das versões em espanhol, porém as mais novas se utilizam dos artifícios tipográficos para transmitir mensagens. E que mensagens elas conseguem transmitir com o jogo tipográfico? Ora, o fato do título todo em minúsculo ocupando um espaço bem grande na capa pode retratar a questão da opressão, pois a letra minúscula infere menor importância enquanto a letra maiúscula deposita mais valor por ser utilizada obrigatoriamente em início de frases e nomes próprios. O nome do autor poderia ser grafado apenas com as iniciais em letras maiúsculas, mas foi todo grafado em letras maiúsculas o que confere certo *status* ao autor. Jogo de cores (vermelho, preto e branco) também chama a atenção do leitor. São cores fortes. O branco retrata paz, o preto negatividade e o vermelho fogo. Isso pode ser entendido como um retrato da luta dos oprimidos por meio da combinação de cores.

A maioria das capas traz alguma imagem, seja fotografia ou ilustração, e isso merece destaque no presente trabalho. A imagem também é um paratexto. Conforme afirma Oliveira (2008, p.103): “Toda imagem tem alguma história para contar. Essa é a natureza narrativa da imagem. Suas figurações e até mesmo formas abstratas abrem espaço para o pensamento elaborar, fabular e fantasiar”. Por isso, é importante a escolha da imagem que ficará na capa de um livro. A capa é o portão de entrada para o livro, se ela não convence o leitor, não aguça os sentidos do leitor, ela não cumpriu seu papel. “A imagem visual, tanto quanto a verbal, é conotativa quando tem endereçamento bem orientado: visa a influenciar o leitor por meio de procedimentos persuasivos” (ibid., p.115).

Um elemento obrigatório que recebe grande destaque em todas as capas, sem exceção, é o nome do autor Paulo Freire. Em todas as capas das versões em inglês e espanhol analisadas o nome de Paulo Freire está presente com destaque. Genette (2009) diz que “quanto mais o autor é conhecido, mais seu nome é exibido” (p.40). Portanto, podemos inferir que Paulo Freire é bastante conhecido nas culturas de língua inglesa e espanhola devido ao destaque relevante que seu nome recebe nas capas.

Essa afirmação de Genette pode ser aplicada também aos outros nomes que aparecem ou deixam de aparecer nas capas, como por exemplo nomes de tradutores, prefaciadores ou introdutores. Em nenhuma das capas apresentadas há o nome do tradutor ou o nome do prefaciador. Porém, em duas delas (Figuras 7 e 8) há menção à introdução e ao nome de quem a escreveu. É importante atentar para o fato de que a introdução não é um prefácio. O prefácio se multiplica de edição para edição e leva em conta a historicidade da obra; já a introdução apresenta conceitos gerais da obra e tem uma ligação menos histórica (p.145). Seguindo a afirmação de Genette (2009), o nome do introdutor recebe destaque por ser uma pessoa conhecida e, considerando o aspecto mercadológico, chama a atenção do leitor porque faz a obra receber uma espécie de boa avaliação, vez que possui uma introdução escrita por alguém de renome na área. Prefácios e introduções não são obrigatórios, mas conferem valor à obra; funcionam como uma certificação de que a obra é indicada por alguém de relevância, explicitando a presença da patronagem não exercida apenas pela editora.

Ainda sobre os prefácios e as introduções, são paratextos destinados diretamente ao leitor do livro porque alcançam o público que já comprou o seu exemplar (p.172). Enquanto a capa não necessariamente é voltada apenas para o público-leitor daquela obra, o prefácio e a introdução são certamente. Até o momento não houve escolha do editor para destacar o nome do tradutor nessas capas.

“As orelhas e contracapas devem informar persuasivamente, devem ser verdadeiros anúncios do livro, com texto e força de anúncio” (ARAÚJO, 2008, p.436). É isso que nos mostram as Figuras 3.1.8 e 19, cada qual à sua maneira. Não há obrigatoriedade de informações para esses locais. No presente trabalho não temos orelhas de livros, temos apenas duas quartas capas, uma de cada versão (inglês e espanhol). De acordo com Genette (2009), a quarta capa pode conter, por exemplo: nota biográfica ou bibliográfica, *release*, citações da imprensa, menções de outras obras publicadas do mesmo autor, manifesto de coleção, data de impressão, número de reimpressão, referência da ilustração da capa, preço de venda, ISBN, código de barra magnético, publicidade (p.29).

Na Figura 9, identificamos os seguintes dados: nome do autor, nome da obra, indicação de introdução e nome de quem a escreveu, nome do tradutor, trechos de críticas sobre a obra, breve apresentação do autor, indicação de *site* com mais informações sobre a obra, indicação da existência de uma coleção com obras do autor, código de barras magnético, ISBN, publicidade indicando outras obras da editora do mesmo ramo da obra em questão e *site* do editor.

Na Figura 19, identificamos os seguintes dados: nome do autor, nome da obra, *release* da obra, um trecho de texto entre aspas que pode ser um trecho de crítica à obra (não há como confirmar porque não contém o nome do autor do parágrafo), selo do editor, código de barras magnético, ISBN e ilustração continuativa da capa.

A análise das Figuras 9 e 19 confirma o aspecto mercadológico da quarta capa. Os dados impressos nesse local são para convencimento do leitor a comprar o produto livro. O leitor fica frente a frente a uma série de informações que valorizam a publicação e são definidoras para a escolha de sua compra. Ele passa a saber quem é o autor ou do que trata exatamente a obra, o que é falado sobre ela, quem a traduziu (no caso da Figura 9) e que é uma tradução e ainda aguça o leitor a pesquisar mais sobre a editora e suas possíveis coleções sobre o tema ou do autor.

### 3.4 O tradutor é (in)visível nas versões em inglês e espanhol da *Pedagogia do Oprimido*?

Em minha análise a figura do tradutor praticamente não aparece. Temos duas menções a tradutores: a primeira na quarta capa de uma versão em inglês (Figura 9) e a segunda em um *site* de venda de livros na ficha de uma versão em espanhol do livro (Figura 21). Através das listas de publicações em outros idiomas apresentadas no Projeto Memórias – Paulo Freire e na obra de Moacir Gadotti (1996) também encontramos os mesmos nomes de tradutores tanto de algumas versões em inglês (Myra Bergman Ramos e Donaldo Macedo), como de algumas versões em espanhol (Jorge Mellado).

Buscando saber quem são esses profissionais, não encontrei muitas informações a não ser que já traduziram outras edições da *Pedagogia do Oprimido* e outras obras de Paulo Freire. Portanto, provavelmente, não são pessoas com destaque no ramo da educação, ao contrário dos introdutores e prefaciadores mencionados que, normalmente, são estudiosos da

educação que pesquisavam junto com Paulo Freire e tiveram destaque em sua trajetória como educador.

A tradução fortalece a economia cultural global, possibilitando às empresas multinacionais dominar a mídia impressa e eletrônica nos chamados países em desenvolvimento, lucrando com a possibilidade de venda das traduções a partir das línguas de maior difusão, principalmente o inglês. (VENUTI, 2002, p.11)

Conforme aponta Venuti (2002) na citação acima, a tradução é difusora de cultura. É através das traduções que os autores alcançam outras culturas e que as editoras preenchem lacunas nessas culturas-alvo. Mesmo assim, não parece ser tão interessante e fundamental para a editora dar voz e vez ao profissional da tradução, o tradutor.

No presente trabalho não estamos analisando a visibilidade do tradutor no processo de tradução, pois não estamos analisando as etapas micro e macroestruturais. Mas, estamos analisando o quão visível as editoras tornam o tradutor a partir de paratextos da capa. O que vimos é que, analisando os dados preliminares e o contexto sistêmico das capas das versões em inglês e espanhol da obra *Pedagogia do Oprimido*, o tradutor é praticamente invisível. O nome do tradutor só surge em edição comemorativa ao aniversário da obra em inglês e mesmo assim na quarta capa do livro. No caso das traduções para o espanhol, o nome do tradutor só aparece na ficha de uma das edições. Não é a primeira informação mostrada aos leitores.

Para as editoras, o autor e o nome da obra são os aspectos que mais interessam destacar. É válido mencionar que estamos analisando uma obra originalmente brasileira num contexto sociocultural estrangeiro, ou seja, o autor brasileiro possui mais importância na cultura-alvo do que o fato de a publicação ser uma tradução. Se o nome de Paulo Freire é tão marcado e tão mencionado é porque realmente ele recebe muito valor e *status* nessas culturas-alvo, assim como sua obra *Pedagogia do Oprimido*.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho iniciou uma análise da historiografia das versões para o inglês e para o espanhol da obra *Pedagogia do Oprimido* através dos Estudos da Tradução e do conceito de Editoração. A determinação do tipo de texto que configura a obra em questão, baseando-me nos conceitos de Azenha Junior (1999), foi importante para configurar o detalhamento do trabalho do editor antes, durante e após o processo de edição de um livro. A identificação do texto como científico norteou toda a pesquisa e permitiu um melhor direcionamento das teorias que eram, em sua criação, voltadas para o texto literário.

O material de análise – as capas e quartas capas de versões em inglês e espanhol da *Pedagogia do Oprimido* – foi organizado e esmiuçado seguindo as teorias, os conceitos e a metodologia propostos no Capítulo 2. Para entender a dinâmica das traduções e seu alcance, a Teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (seção 2.3) foi fundamental e a considero a base da presente pesquisa. Porém, não haveria pesquisa sem a aplicação dos Estudos Descritivos da Tradução de Gideon Toury (seção 2.4), pois o que pretendi fazer tinha como fundamentação os DTS: partir do produto para entender a posição da tradução no sistema-alvo. O produto, no caso, foram os paratextos, fundamentados em Genette (2009), na seção 2.6.

Só foi possível identificar o lugar que a obra *Pedagogia do Oprimido* ocupa no sistema de produção científica estrangeiro porque se propôs analisar as diversas relações que precisam e devem ser consideradas para uma pesquisa sobre tradução. Uniram-se teorias, conceitos e aplicou-se uma metodologia que engloba os múltiplos olhares sobre o texto traduzido.

Inicialmente, partindo da definição da *Pedagogia do Oprimido* como texto científico, determinei que este faria parte do que denominei polissistema brasileiro de produção científica (PB). Considerando que a obra foi traduzida para 17 idiomas e possui diversas edições, reedições e reimpressões em outros idiomas, concluí que Paulo Freire ultrapassa a barreira do PB e ganha destaque também no polissistema estrangeiro de produção científica (PE). Até o momento, a obra continua inserida no polissistema brasileiro de produção científica na área da Educação (PB Edu).

Para sistematizar minha pesquisa, escolhi utilizar a proposta de modelo metodológico de Lambert e van Gorp (2011) e, como explicado na seção 2.7, me ative à primeira etapa dos dados preliminares, visto que é impossível dar conta de todas as etapas em um único trabalho

devido à proporção que tomaria o estudo. Por esse motivo, considero o presente trabalho uma breve historiografia e um pontapé inicial nos estudos da tradução envolvendo as versões para o inglês e o espanhol da obra *Pedagogia do Oprimido*. Para desenvolver a etapa de análise dos dados preliminares, coletei como material de pesquisa capas dessas versões e aprofundei um estudo sobre os paratextos que elas representam e contêm. Impressionante foi a quantidade de informações e a infinidade de inferências e pesquisas que descobri que podem ser coletadas e realizadas, respectivamente, a partir desse material que inicialmente parece tão preliminar.

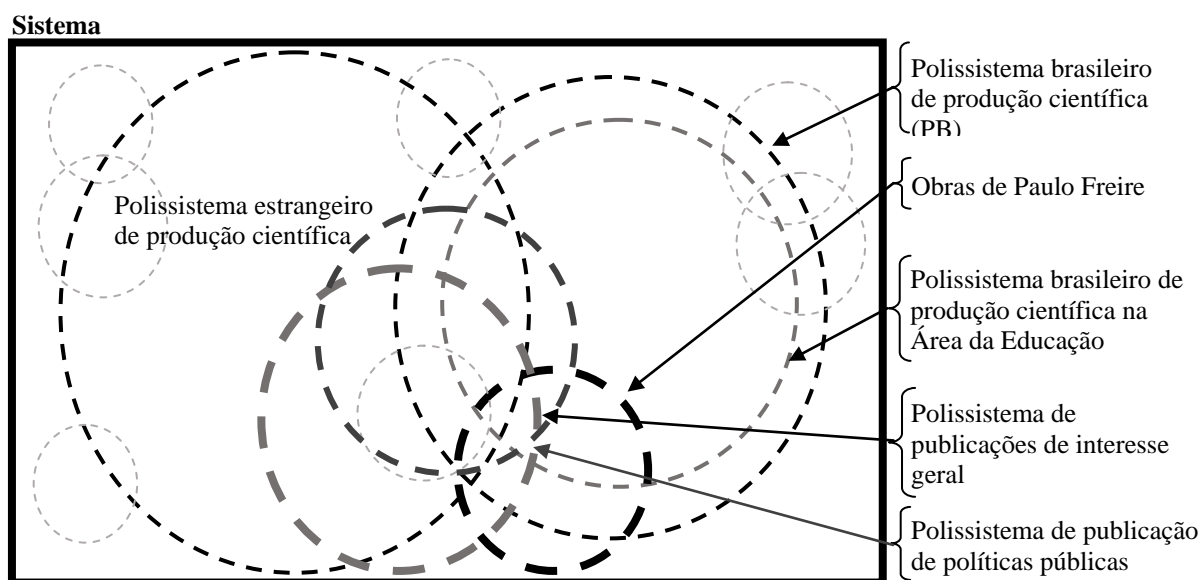
Foi fundamental relacionar, durante toda a análise, as questões editoriais e as questões que envolvem os estudos da tradução, pois este trabalho se propôs também a isso: enriquecer os estudos da tradução relacionando-os aos conceitos de editoração e à prática do editor com as publicações de versões.

Algo surpreendente foi identificado a partir das análises das capas e quartas capas das versões em língua inglesa: Paulo Freire extrapola o polissistema de produção científica. Ele é publicado por editoras voltadas para publicações de interesse geral e por organizações voltadas para políticas públicas, além de editoras de publicações científicas. Portanto, o diagrama proposto por mim inicialmente (Figura 1, página 34) sobre o funcionamento da rede de sistemas na análise das obras de Paulo Freire precisa ser modificado após a análise das capas das versões em inglês da *Pedagogia do Oprimido*, surgindo o diagrama apresentado na próxima página (Figura 4) que traz a conclusão das análises das relações realizadas com as versões em inglês.

Já as capas das versões em espanhol não me apresentaram o mesmo que as capas das versões em inglês. Na cultura-alvo de língua espanhola, Paulo Freire não extrapola o polissistema de produção científica. Mantendo-se, portanto, o diagrama da Figura 1 para sua representação.

Ambas as análises mostraram que Paulo Freire não ocupa uma posição periférica dentro do polissistema ao qual pertence. Pelo contrário, devido às inúmeras edições, reedições e reimpressões, percebe-se que Paulo Freire é figura central no polissistema estrangeiro seja de produção científica, de políticas públicas ou de publicações de interesse geral. Seu nome é sempre muito destacado e o título de sua obra também. Não há omissão de nenhum desses dois elementos em nenhum material analisado no presente trabalho, o que indica que são elementos de valor para as editoras.

Figura 22 – Diagrama do Sistema Cultural que engloba os Polissistemas de Produção Científica Estrangeiro e Brasileira e as Obras de Paulo Freire extrapolando o Polissistema de Produção Científica e passando a fazer parte de outros Polissistemas, como o Polissistema de publicações de interesse geral e o Polissistema de publicações de políticas públicas.



Neste momento, podemos tecer comentários sobre as editoras e a função que exercem sobre a obra de Paulo Freire no polissistema estrangeiro. A patronagem é exercida por elas massivamente. E fica claro que elas possibilitam a outros profissionais ou a outras instituições, exercer o papel de patrono nas versões da *Pedagogia do Oprimido* analisadas. Na maioria das vezes, essa função é dividida, não necessariamente de forma igualitária porque não há como afirmar isso, com nomes conceituados (prefaciadores, introdutores, críticos); é uma maneira de atribuir *status* à publicação. Por uma única vez, em uma versão em espanhol, quem assume o papel de patrono é uma instituição voltada para questões de políticas públicas. Ao longo da análise foi possível constatar que a patronagem é bastante visível nas versões contidas no presente trabalho.

Esse papel nos direciona a outro questionamento: a (in)visibilidade do tradutor nos paratextos das versões analisadas. O tradutor passa invisível nessa análise. Apenas em uma publicação em língua inglesa (Figura 9) o nome do tradutor é mencionado, porém na quarta capa, indicando menor valoração atribuída a ele do que aos nomes que aparecem na capa da mesma publicação (autor, título da obra, introdutor). A discussão de Venuti é ainda necessária dentro do mercado editorial. Parece que na academia muito se estuda e se debate sobre o tema, porém isso não está sendo levado à prática (ao editor), o que posso inferir devido às

análises realizadas no presente trabalho. Curioso é pensar que o presente trabalho tem como figura central uma obra que fala de todos os tipos de opressão e como resultado traz a posição de oprimido a um profissional tão essencial a esta pesquisa: o tradutor.

O modelo metodológico de Lambert e van Gorp (2011) precisou ser enriquecido com algumas perguntas baseadas nos conceitos e teorias voltados ao texto científico. Isso é um fator que merece destaque, pois indica que o modelo criado para pesquisas literárias se aplica também, até o presente momento, a pesquisas científicas desde que sejam realizados alguns acréscimos do que tange às perguntas de pesquisa que orientam a aplicação do modelo. Claro que não podemos esquecer que aqui nos ativemos à etapa dos dados preliminares. Para concluir realmente que ele pode ser adaptado, é preciso continuar a presente pesquisa e desenvolver os estudos das demais etapas (níveis macro e microestruturais e contexto sistêmico). Vale pontuar que a etapa do contexto sistêmico acabou surgindo a partir da análise dos dados preliminares, o que mostra que uma etapa está ligada a outra e nem sempre é possível analisá-las separadamente.

O presente trabalho contribuiu para os estudos da tradução tendo como base o produto final e o papel do editor nesse sistema de produção de obras traduzidas. Além de ter iniciado o preenchimento de uma lacuna nos estudos sobre produção científica brasileira e seu alcance no contexto sociocultural das culturas-alvo.

A importância de Paulo Freire e a obra *Pedagogia do Oprimido* nas culturas de língua inglesa e espanhola foi confirmada e os próximos passos são identificar essas relações nas demais culturas-alvo alcançadas pelo autor e sua obra, visto que esta já foi traduzida para 17 idiomas.

A partir da presente pesquisa, outras poderão ser desenvolvidas com o intuito de ampliá-la ou de analisar outros autores brasileiros e sua repercussão no exterior, tanto nos polissistemas de produção científica como nos polissistemas de produção literária. Espero ter aguçado a curiosidade sobre o alcance da produção brasileira e sua importância para o sistema cultural.



## REFERÊNCIAS

- ACERVO Paulo Freire. Centro de referência Paulo Freire. Disponível em: <<http://www.acervo.paulofreire.org>> . Acesso em: abr. 2014.
- ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. *O respeito pelo original: João Ubaldo Ribeiro e a autotradução*. São Paulo: Annablume, 2009.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2008.
- AUBERT, Fracis H. *Tipologia e procedimentos da tradução juramentada*. v.1 e 2. São Paulo: CITRAT/FFLCH, 1998.
- AZENHA JUNIOR, João. *Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 1-51.
- BBC. Site de notícias. Disponível em: <<http://www.bbc.com/>>. Acesso em: jul. 2015.
- BERMAN, A. *La traduction littéraire, scientifique et technique*. Paris: La Tulu, 1971.
- BLOOMSBURY Publishing. Editora independente criada em 1986. Disponível em: <<http://www.bloomsbury.com>> . Acesso em: abr. 2014.
- CAMARGO, Diva Cardoso de *et al. Pesquisas em estudos da tradução e corpora eletrônicos no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2012. p. 11-34. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/113720/ISBN9788539303847.pdf?sequence=1>>. Acesso em dez. 2015.
- CARNEIRO, Teresa Dias. *Teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX*. 2014. Tese (Doutorado) - PUC-Rio. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012062\\_2014\\_completo.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1012062_2014_completo.pdf)>. Acesso em dez. 2015.
- CARVALHO, Carolina Alfaro de. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. Rio de Janeiro, 2005, p. 38-54. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem) - PUC-Rio. Disponível em: <[http://www.scribatraducoes.com.br/files/CarolinaAlfaroCarvalho\\_2005\\_TraducaoParaLegendas\\_Dissertacao.pdf](http://www.scribatraducoes.com.br/files/CarolinaAlfaroCarvalho_2005_TraducaoParaLegendas_Dissertacao.pdf)>. Acesso em: dez. 2015.
- CHEROBIN, Nicoletta. Gérard Genette. Paratextos Editoriais. *Cadernos de tradução*, v.2, n.28, p.225-229, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v2n28p225/20381>>. Acesso em dez. 2015.

CITIZENS International. Iniciativa global dedicada a fomentar a sensibilização, o ativismo e a defesa para os povos oprimidos de todo o mundo. Disponível em: <<http://www.citizens-international.org>> . Acesso em: out. 2015.

COMPANHIA das Letras. Grupo editorial brasileiro. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br>>. Acesso em: jan. 2015.

DE CASTRO VALOURA, Leila. *Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador*. UFMG, 2010. Disponível em: <[http://tupi.fisica.ufmg.br/~michel/docs/Artigos\\_e\\_textos/Comportamento\\_organizacional/em\\_powerment\\_por\\_paulo\\_freire.pdf](http://tupi.fisica.ufmg.br/~michel/docs/Artigos_e_textos/Comportamento_organizacional/em_powerment_por_paulo_freire.pdf)>. Acesso em: dez. 2015.

DUARTE, Alisson José Oliveira; DE ABREU BERNARDES, Sueli Teresinha. Fundamentos filosóficos da educação em Ernani Fiori. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO E CONGRESSO INTERNACIONAL DE TRABALHO DOCENTE E PROCESSOS EDUCATIVOS. *Anais do...* v.1, n.1, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.uniube.br/index.php/anais/article/view/389>>. Acesso em: dez. 2015.

EPISCOPAL Church. Site da igreja oficial. Disponível em: <<http://www.episcopalchurch.org>>. Acesso em: abr. 2015.

ESTADÃO. Arte e cultura no portal do Estadão. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/>> . Acesso em: mar. 2015.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies: introduction; the position of translated literature in the literary polysystem. *Poetics Today*, v. 1, n. 1, p.1-6; 45-51, 1997 [1990]. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>. Acesso em dez. 2015.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies: polysystem theory (Revised). In: \_\_\_\_\_. *Papers in culture research*. Tel-Aviv: Porter Chair of Semiotics (Temporary electronic book), 2005. p.1-11.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007. p. 349-358.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

G1 Educação. *O portal de Educação do G1*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao>>. Acesso em: fev. 2016.

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

IHRC Bookshop. Islamic Human Rights Commission. Disponível em: <<http://shop.ihrc.org>>. Acesso em: nov. 2015.

INSTITUTO Paulo Freire. Associação civil sem fins lucrativos. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/>>. Acesso em: out. 2014.

INTERNATIONAL Standard Book Number. Agência Internacional do ISBN. Disponível em: <<http://www.isbn.bn.br>>. Acesso em: jan. 2015.

LAMBERT, José ; VAN GORP, Hendrik. Sobre a descrição de traduções. Trad. Marie Hélène Catherine Torres e Lincoln Fernandes. In: GUERINI, Andrea et al. (Org.). *Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 197-220.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: EdUSC, 2007.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a teoria da tradução. *Cadernos de Letras*, p. 59-72, 2010. Disponível em: <[http://www.letras.ufrj.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf](http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf)>. Acesso em dez. 2015.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto. *A instrumentalidade do modelo descritivo para a análise de traduções: o caso dos Hamlets brasileiros*. 1999. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <[http://www.dbd.puc-rio.br/shakespeare2/pdfs/hamlets\\_brasileiros.pdf](http://www.dbd.puc-rio.br/shakespeare2/pdfs/hamlets_brasileiros.pdf)>. Acesso em: dez. 2015.

METHUEN Books. Site da editora. Disponível em: <<http://www.methuen.co.uk/>>. Acesso em: jun. 2015.

MINISTÉRIO da Educação. Portal do MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: abr. 2014.

NEWMARK, Peter. *Approaches to translation*. Oxford: Pergamon Press, 1981, 1982.

OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo, SP: DCL Editora, 2008.

PEDAGOGY of the Oppressed. Site comemorativo à obra de Paulo Freire. Disponível em: <<http://www.pedagogyoftheoppressed.com>>. Acesso em: out. 2015.

PROJETO Memória. Projeto desenvolvido pela Fundação Banco do Brasil. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/>>. Acesso em: abr. 2015.

REUTERS Brasil. Agência internacional de notícias e multimídia. Disponível em: <<http://br.reuters.com>>. Acesso em: out. 2015.

REVISTA UniFreire. Espaço para reflexão sobre a prática política em educação. Disponível em: <<http://boletim.unifreire.org>>. Acesso em: jan. 2015.

SCHIFFRIN, Andre. *O negócio dos livros: como as grandes corporações decidem o que você lê*. Tradução por Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SIGLO XXI Editores Argentina. Site da editora. Disponível em: <<http://www.sigloxxieditores.com.ar/>>. Acesso em: mar. 2015.

SIGLO XXI Editores México. Site da editora. Disponível em:  
<<http://www.sigloxxieditores.com.mx/>>. Acesso em: mar. 2015.

SIGLO XXI Editores. Site da editora. Disponível em: <<http://www.sigloxxieditores.com/>>.  
Acesso em: mar. 2015.

STANLEY Aranowitz. Site do professor. Disponível em: <<http://www.stanleyaronowitz.org>>.  
Acesso em: jun. 2015.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

UNIVERSITY of Massachusetts Boston. Site da Universidade. Disponível em:  
<<https://www.umb.edu/academics>>. Acesso em dez. 2015.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Bauru: EDUSC, 2002.

WIKIPEDIA. Enciclopédia livre – matéria sobre Penguin Books. Disponível em:  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Penguin\\_Books](https://pt.wikipedia.org/wiki/Penguin_Books)>. Acesso em: dez.2015.

ZITKOSKI, Jaime José. *Paulo Freire & a Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.